

Vencer ou vencer

Raul Drewnick

1995

Todos os direitos reservados

Editora Ática SÁ

Rua Barão de Iguape, 110 • CEP 01507-900

Buscando a vitória

Lucinha vai do interior para a capital, com o desejo de ser uma grande jogadora de vôlei. Mas o caminho não é fácil. Será que ela conseguirá realizar seu sonho?

Dedicação, trabalho... de repente, amor! Fábio aparece como um prêmio para a garota, porém ele guarda alguns segredos. Qual seria o motivo de sua mudança de comportamento?

Por que não revelava a razão de suas preocupações para a namorada?

Lucinha e Fábio vivem momentos importantes em suas vidas, e você pode acompanhá-los de perto. Siga essa aventura e tente desvendar o mistério que envolve Fábio.

É só virar a página e entrar nessa história empolgante, onde o amor e a garra mostram que sempre temos dois caminhos a seguir: vencer ou vencer.

Raul é cronista de jornais e revistas, e desde sua infância queria escrever como Monteiro Lobato, a quem sempre admirou.

Conseguiu aliar sua paixão pelo vôlei e pelo basquete e sua vontade de contar histórias neste livro. Vencer ou vencer reúne esporte, romance, sonho e garra. O resultado é uma história emocionante como um jogo decisivo e você, com certeza, vibrará com cada ponto conquistado.

SUMARIO

- 1 Hei de brilhar tanto quanto você 7
- 2 Por bem ou por mal, eu vou 11
- 3 Alô, São Paulo, aí vou eu 14
- 4 Assim eu não vou chegar nunca 19
- 5 Moça, o teste já acabou 24
- 6 Você sabe quem foi o Dedê? 28
- 7 Na paralela e na diagonal 33
- 8 Um gato e uma boneca 38
- 9 A Ana Lígia e o Fábio são demais 45
- 10 O que aconteceu com o Fábio? 50
- 11 Você quer casar comigo? 55
- 12 Um fã com nome de mãe 61

- 13 Mãe, sua filha é um sucesso 65
- 14 O melhor campeonato de basquete 70
- 15 Um mau ator, uma péssima atriz 75
- 16 Outra cena desastrada 77
- 17 Dona Jacira abre o jogo 79
- 18 Cestas, emoção, socos e pontapés 86
- 19 Todos para a churrascaria 90
- 20 A guerra das estrelas na TV 94
- 21 A decisão é hoje 97

1 Hei de brilhar tanto quanto você

Parece impossível o narrador conseguir gritar mais alto:

- Atenção! Pode ser agora! Vai sacar Marcelo Negrão. O Brasil pode ser...

Mas ele consegue:

- ... campeão olímpico! O Brasil é campeão olímpico de voleibol! Pela primeira vez na história, o Brasil ganha o ouro olímpico no vôlei!

O teipe já passou mais de cem vezes na sede do CAVB - Clube das Amigas do Vôlei Brasileiro. Mas, como sempre, as sócias aplaudem muito. E recomeçam a antiga discussão.

- Quem foi o melhor jogador do Brasil na Olimpíada de Barcelona?

- Foi o Tande, é claro! - vota uma.

- Foi o Maurício, é lógico! - exclama outra.

- Foi o Marcelo, sem dúvida! - berra uma terceira.

- Foi o Giovane - protesta a maioria, batendo os pés e ameaçando armar um tumulto.

- Meninas, nós não estamos aqui para julgar beleza - avisa Patrícia, presidenta do clube, como faz sempre que a situação chega a esse ponto. - Nosso negócio, vocês todas sabem, é voleibol. Vo-lei-bol. O que nós precisamos analisar é se o jogador sacou melhor do que os outros, se ele defendeu melhor, se ele passou melhor, se ele bloqueou melhor. Eu fiz essa análise, com muito critério, e foi só depois que eu escolhi o Giovane. Não foi pelos lindos olhos dele, nem pelas pernas.

- Ah, não foi, não... - dizem ironicamente as partidárias de outros jogadores.

- Não foi mesmo! - concordam as simpatizantes de Giovane, voltando a bater os pés e iniciando um coro:

- Ei, ei, ei, o Giovane é o nosso rei!

Lucinha sorri. Ela é a única que, nessas ocasiões, nunca se manifesta por nenhum jogador em especial. Limita-se a acompanhar a disputa entre as outras garotas, enlouquecidas de paixão pelos seus ídolos. Algumas vezes esse amor se traduz em empurrões, xingamentos e até em puxões de cabelo. Quando a situação se torna explosiva, Patrícia costuma lembrar-se dos seus deveres de presidenta do clube e procura acalmar as briguentas. Nem sempre consegue, porque sua preferência por Giovane é tão escancarada

que as fãs dos outros jogadores se rebelam quando ela invoca sua autoridade e pede silêncio, como agora:

- Silêncio, meninas! Silêncio, por favor! Vamos pôr um pouco de ordem nesta bagunça, vamos?

- Olha só quem está pedindo ordem - contesta uma sardentinha elétrica apaixonada por Marcelo Negrão. - Foi a sua turminha mesmo que começou a encrenca, com aquela história de dizer

- que o Giovane dá de dez a zero no Marcelo.

- E não dá? - pergunta Patrícia, esquecendo-se novamente da imparcialidade exigida pelo seu cargo.

- Dá coisa nenhuma - reage a sardenta. - Ele leva. E não é de dez, não. É de vinte, é de cem, é de mil, do Marcelo.

- Olha quem está pedindo ordem!

Aí a confusão, que Patrícia tinha querido evitar, explode com força total. De um lado, o fã-club de Giovane. Do outro, as fanáticas torcedoras dos outros craques, que resolvem se unir para enfrentar a maioria. Só Lucinha se mantém fora do bate-boca. Ela joga vôlei e, talvez por isso, entende melhor do que as outras que um time campeão se faz com seis grandes atletas e um banco de reservas pronto para entrar em qualquer situação e conservar o ritmo dos titulares.

Mais algumas sócias do CAVB jogam vôlei, no colégio de Laranjeira, cidadezinha de vinte mil habitantes no interior de São Paulo, mas nenhuma encara o esporte com tanta seriedade. Nos

treinos e nos jogos contra times de municípios vizinhos, Lucinha é sempre a que mais se empenha. Para ela, não há bolas perdidas. Vai buscá-las onde estiverem: no meio, no canto, no fundo da quadra. Esparrama-se toda, rala os joelhos, machuca o ombro, raspa os cotovelos, mas continua saltando, defendendo, cortando com a mesma

disposição até o fim das partidas. Perder não é com ela. Quando é derrotada, chora. E fica furiosa quando as companheiras de time, para consolá-la, dizem que vôlei é assim mesmo: às vezes se ganha, às vezes se perde. Seu sonho é um dia jogar num time invencível, formado por garotas decididas como ela, e chegar à seleção brasileira.

Lucinha gosta do CAVB, mas acha que poderia ser um clubinho muito melhor. Por isso, vive fazendo reclamações e dando sugestões a Patrícia. Já se cansou de pedir à presidenta que passe jogos de vôlei feminino. Mas Patrícia só promete, promete, e nada de cumprir a promessa. Os jogos programados são sempre os da seleção masculina na Olimpíada de Barcelona. Isso desanima Lucinha. Está mais do que claro que as garotas se reúnem não para aprender como se saca, como se passa, como se bloqueia, mas para discutir se os olhos mais belos são os de Carlão ou os de Maurício, se as pernas mais atraentes são as de Paulão ou as de Tande, se o rosto mais másculo é o de Giovane ou o de Marcelo Negrão.

Nesta noite, as divergências parecem insuperáveis.

-O Giovane é perfeito em tudo. Nem o Tom Cruise ganha dele.

- Só porque você quer.

- Eu só? Eu e o mundo!

- Bom, tem gosto pra tudo, não é?

- É. E tem gente que não entende nada de homem.

- Você é uma. Basta ver o seu namorado...

Enquanto as associadas do CAVB ameaçam resolver suas diferenças na base do tapa, do beliscão e do puxão de cabelo, pondo em risco a sede do clube, que funciona na casa de Patrícia,

Lucinha toma uma decisão: custe o que custar, vai convencer o pai a deixá-la ir a São Paulo para fazer um teste no Unidos, clube que ela ama com paixão. Pressente que toda sua vida dependerá disso. Consultado à tarde, o pai disse que não, de jeito nenhum, e ordenou a ela que não insistisse. A resposta era definitiva.

Na rua, ainda ouvindo a algazarra das meninas engalfinhadas em defesa dos seus ídolos, Lucinha diz a si mesma que a única coisa importante é a sua vontade de se tornar uma grande jogadora. Já perto de sua casa, ela olha para cima. O céu está um pouco embaçado, mas mesmo assim Lucinha consegue ver uma estrela, uma só, brilhando. Sorrindo, ela murmura:

- Um dia eu chegarei tão alto e brilharei tanto quanto você.

2 Por bem ou por mal, eu vou

Não adianta, Clementina. Eu já tomei a minha decisão sobre esse assunto. Já disse mil vezes: a resposta é não.

- Mas como você é intransigente, Otacílio. Pelo amor de Deus! A gente não pode ser assim. Você sabe que eu também tenho medo dessa história de a Lucinha ir para São Paulo. Mas, se é isso que ela quer fazer na vida, eu acho que a gente, se não puder dar uma força, também não deve atrapalhar.

O pai de Lucinha não pára de andar de um lado para o outro, pela sala. Um cigarro aceso na mão e outro fumegando no cinzeiro indicam que ele, normalmente um homem bastante nervoso, hoje está muito mais. Ele olha espantado para a mulher. Parece não acreditar que aquela seja a sua Clementina. Em vinte anos de casamento, não se lembra de nenhuma rebeldia como esta.

- Mas você não vê que isto é uma loucura? - ele pergunta, soltando fumaça pelas narinas e pela boca, o que lhe dá um ar ainda mais furioso.-A Lucinha precisa é pensar em estudar. Esse negócio de voleibol não é para quem quer, não. Você já imaginou quantas meninas em todo o Brasil têm essa ilusão? Ela acha que é só ir chegando a São Paulo e pronto?

- Não, Otacílio. Aí é que está. Ela sabe que não é fácil. Por isso é que ela quer ir fazer o teste lá em São Paulo. Para saber se ela tem futuro nisso. Aqui, as pessoas dizem que ela joga demais, que ela devia ir para a capital.

- Quem é que diz isso? Quem são essas pessoas?

- Todo mundo - responde Clementina. - Até o seu José Florêncio.

Ao ouvir isso, o pai de Lucinha impacienta-se ainda mais:

- Ah, mulher. Essa não! Você enche a boca e me fala no Zé Florêncio como se ele fosse um doutor em voleibol... O Zé Florêncio é só um professor de Educação Física, e olhe lá.

- Seu José Florêncio jogou numa porção de times, no tempo dele. A Lucinha disse que ele uma vez mostrou uma pasta cheia de recortes para ela.

- Pelo que eu sei, o Zé Florêncio jogou numa porção de times, sim, mas da segunda divisão...

Mentalmente, a mãe de Lucinha pede a Deus que lhe dê paciência. E contra-ataca:

- Pelo que a Lucinha disse, ele jogou em times pequenos só no final da carreira, quando o joelho já não estava bom. Mas ele chegou a ser campeão brasileiro, em mil novecentos e...

- Em mil novecentos e nada. Na pré-história do voleibol. Quando o jogo ainda era jogado sem rede. Eu acho até que foi o Zé Florêncio quem inventou o vôlei, será que não foi?

Clementina percebe um pouco de bom humor na ironia de Otacílio. Isso lhe dá novas esperanças. Quem sabe? Não custa continuar tentando. Ela resolve mudar sua tática. Finge gostar da piada:

- Quá, quá, quá. Você não tem jeito mesmo, Otacílio. Essa foi boa. Às vezes você vem com cada uma...

- Até que enfim você parece estar compreendendo o meu ponto de vista, mulher. Nós não vamos deixar a Lucinha ir lá para São Paulo, gastar um dinheirão em passagens e se arriscar a ser morta por um maluco qualquer, só porque um cara que diz entender de voleibol acha que ela tem jeito para a coisa.

- Otacílio, agora eu vou falar uma coisa, sem brincadeiras: se a gente impedir a Lucinha de ir, ela nunca vai nos perdoar. Vai ficar a vida inteira se lastimando, se queixando de que poderia ter sido uma grande jogadora, mas não foi por nossa causa. Eu não vou querer ter isso na consciência. Você vai?

- Mas, Clementina, será que você não entende? Eu estou pensando exatamente na felicidade dela. Você imaginou como ela vai ficar arrasada quando for reprovada no teste?

- Você é que não está entendendo, Otacílio. Mais arrasada ela vai ficar se não for fazer o teste. O que custa deixar a Lucinha ir? Ela fica um dia, dois no máximo, e pronto. Se for reprovada, ela volta. Se for aprovada, nós vamos poder analisar as condições oferecidas pelo Unidos e, se a gente achar que vale a pena, se eles derem todas as garantias de que, além de jogar, ela vai poder continuar os estudos, aí nós decidimos.

- Não, Clementina. Eu já disse que não e, quando eu digo que não, é não mesmo. Não! Ouviu? Não!

Quando Lucinha chegou em casa, seguindo o que havia planejado no caminho, foi logo avisando que ia a São Paulo na sexta-feira, por bem ou por mal.

A resposta do pai começou com a palavra que ela mais temia:

- Não, minha filha, você...

Decidida a resistir até vencer, ela já estava pronta para começar a expor pela milésima vez seus argumentos quando ele concluiu a frase:

- Você não vai por mal. Você vai por bem, com o nosso apoio e a nossa torcida.

Lucinha quase não acreditou estar ouvindo aquilo. Chorar não fazia parte do seu plano, mas ela chorou ao abraçar o pai. Ainda com lágrimas correndo pelo rosto, ela sorriu para a mãe antes de abraçá-la também. Sabia muito bem que devia a ela aquela primeira vitória da sua carreira. Como é que ela havia conseguido dobrar o pai?

3 Alô, São Paulo, aí vou eu

O ônibus só sai às sete horas, mas às seis, com o sol ainda dormindo nesta sexta-feira morna de janeiro, aí vem Lucinha entrando na pequena rodoviária de Laranjeira. Andou os três quilômetros que separam sua casa da estação como se estivesse participando de uma competição de marcha atlética e, apesar dos exercícios que faz diariamente, desaba num banco. É a emoção da viagem que já começa a mexer com ela.

Atrás, muito atrás, vêm seu Otacílio e dona Clementina. Ofegante, e vendo que a mulher está mais ofegante ainda, o pai de Lucinha põe em dúvida outra vez a possibilidade de sucesso da filha no teste. Como seria possível duas pessoas que nunca praticaram esporte produzirem uma campeã?

Dona Clementina, que fez tudo para Lucinha poder viajar, agora sente a responsabilidade. Nunca esteve em São Paulo, mas o que costuma ler no jornal e ver na televisão basta para arrepiá-la. As notícias são sempre alarmantes: sequestros, roubos, estupros, assassinatos. E é para uma cidade como essa que ela vai mandar sua filha única? Quase se arrepende de ter conseguido vencer a resistência do marido e arrancado dele a permissão para Lucinha ir. Sente, no íntimo, que o certo na história era ele. E preocupa-se agora, muito mais do que ele, porque tem uma certeza que ele não tem: a de que a filha será aprovada no teste e ficará morando lá, longe dela e de sua

ajuda. O marido, ela sabe, acha que a permanência de Lucinha na capital se limitará a dois dias: hoje e amanhã.

Seu Otacílio pensa que no domingo Lucinha já estará de novo em casa, a tempo de pegar o almoço, quando contará que foi injustiçada no teste e que meninas sem a menor condição foram aprovadas, enquanto ela, com todas as suas qualidades, precisou arrumar a mala e fazer o desesperançado caminho de volta. Ela imagina a cena e antecipa o que dirá para consolar a filha. Ela ficará triste por alguns dias, chorará um pouco, mas logo esquecerá tudo. Não há nada no mundo que possa abalar por muito tempo um coração jovem.

Enquanto seu Otacílio, já tomando posição no banco ao lado direito da filha, no saguão da rodoviária, pensa só em quarenta e oito horas de separação e por isso consegue até sorrir, dona Clementina, sentada no banco do lado esquerdo, mostra no rosto sombrio toda a sua preocupação. Desde que a viagem de Lucinha ficou decidida, ela já fez e refez mil recomendações à filha, e agora, que pretende fazê-las todas de novo, recrimina-se por não ter anotado tudo. Com medo de esquecer algum detalhe importante, começa a recapitular com Lucinha outra vez. Quer ter certeza de que ela saberá como agir, em qualquer circunstância.

- Cuidado para atravessar as ruas, hem, filha? Dizem que os carros lá sobem até na calçada para atropelar as pessoas.

- Tá bom, mãe. Eu tomo cuidado.

- E nada de falar com estranhos, hem?

- Mas, mãe, lá todos são estranhos... Eu não conheço ninguém em São Paulo.

- Você sabe o que eu quero dizer. Fale só com o pessoal do clube. Promete?

- Prometo, mãe, prometo.

Quando o ônibus chega e Lucinha toma o seu lugar, dona Clementina pede à filha que abra a janela e ainda fica, do lado de fora, passando as últimas instruções. Finalmente o motorista, depois de olhar de novo para o relógio, dá a partida. O motor custa um pouco a pegar e, enquanto o ônibus estremece, tosse e manda fumaça para o ar, mas não se move um centímetro, Lucinha sente um calafrio que lhe eletriza todo o corpo.

- Meu Deus - murmura - , meu Deus, não permita nenhum atraso, por favor. À uma hora eu preciso estar no Unidos. Por favor, meu Deus, não me abandone.

Como se fosse uma resposta à sua prece, o ônibus afinal pega e consegue sair. Depois de dar tchauzinhos à mãe e ao pai até eles sumirem na distância, Lucinha suspira e se concentra. Não quer pensar em nada além da viagem e do teste que pode mudar a sua vida. Ao meio-dia estará na rodoviária de São Paulo e, à uma hora, na quadra do Unidos, vai mostrar o que sabe fazer com uma bola de voleibol. Arrepiava-se quando se imagina dentro do monumental ginásio do time que foi tantas vezes campeão paulista e sul-americano e onde jogaram tantas estrelas do vôlei brasileiro.

Torcedora do Unidos desde menininha, conhece muito bem a gloriosa história do time. Sabe que falar no Esporte Clube Unidos é falar em voleibol feminino, em títulos, em grandes conquistas. Ou pelo menos foi assim até dois anos atrás, quando uma diretoria presidida por um amante apaixonado do basquetebol surpreendentemente ganhou a eleição, tomou posse e, como primeira providência, dispensou todas as jogadoras que tinham acabado de ganhar o tricampeonato estadual e resolveu montar uma equipe masculina de basquete .

A alegação do presidente, que provocou perplexas manchetes dos jornais, das revistas, do rádio e da TV, era que havia se tornado impossível manter um time competitivo de vôlei feminino. As atletas queriam ganhar cada vez mais, porque algumas tinham propostas da Itália e do Japão, e o patrocinador, que vinha cobrindo quase todas as despesas, havia comunicado que na temporada seguinte reduziria a verba à metade. Do jeito que a situação ia, não

era possível. Qualquer juvenil promissora, que só às vezes entrava no time principal, queria regalias e salário de estrela, além de mordomias de todo tipo.

Alguns sócios do Unidos acreditaram nessa história. Outros, principalmente os mais fanáticos pelo voleibol, disseram que tudo era só uma bem-montada manobra do presidente

eleito para realizar um sonho antigo: substituir o vôlei pelo basquete. Apesar da polêmica e das críticas, o Unidos acabou mesmo com o seu time principal de voleibol.

E os velhos torcedores, que traziam na ponta da língua a escalação de sextetos maravilhosos, vencedores de todos os campeonatos que disputavam, foram obrigados a engolir por dois anos seguidos a ascensão e a glória justamente do maior rival: o Quente-e-Bom.

Patrocinado por uma rede de restaurantes populares, o Quente-e-Bom, que enquanto o Unidos estava em atividade nunca havia ido além do vice-campeonato, tinha conseguido dois títulos. E tudo indica que este ano será tricampeão. É o favorito disparado. O pior, para a fiel torcida do Unidos, não era agüentar as brincadeiras e as provocações dos quente-bonenses (era esse o nome dado pela imprensa aos torcedores do Quente-e-Bom). O difícil, mesmo, era ler e ouvir as declarações de Zizi Mãos de Ouro e de Renata Explosão, as principais estrelas do Quente-e-Bom. Elas, que tinham jogado durante vários anos no Unidos, agora esnobavam o antigo time. Não podiam ver repórter por perto ou microfone, que logo começavam a dizer coisas assim:

- Não posso negar que gostei de jogar no Unidos, mas o Quente-e-Bom é como o nome diz: o quente e o bom...

Ou assim:

- O Unidos é uma página virada na minha vida, é o passado. O Quente-e-Bom é o meu presente e o meu futuro!

Quando soube que o Unidos tinha nova diretoria e o clube formaria um time forte e voltaria a disputar o campeonato, Zizi declarou:

- Eles podem contratar jogadoras na Itália, nos Estados Unidos, na China, até em Marte, se quiserem. Ninguém vai tirar o tricampeonato da gente.

Renata, irônica, só comentou, sorrindo:

-Eu acho que eles têm mais é que contratar mesmo. Alguém precisa ser vice, né?

Lembrando-se dessas declarações, Lucinha põe-se a imaginar se não será ela a escolhida por Deus para calar a boca das duas tagarelas e fazer o Unidos voltar aos dias de glória. No fundo, sabe que isso é impossível. Afinal, com dezoito anos e sem experiência, conseguir um lugar no time juvenil já é pretender muito. Que dizer, então, do time principal? É uma aspiração que, se tudo der certo, ela só vai poder ter daqui a um ano ou dois. Mas sonhar não custa nada, e neste momento ela sonha que depois de algumas partidas no juvenil foi promovida e está participando do jogo final do campeonato.

Falta um ponto para o Unidos fechar o set e ganhar o título. É dado o saque e a bola vai para a quadra do Quente-e-Bom. A jogadora encarregada da recepção passa para Zizi Mãos de Ouro. Esta, com um toque sutil, levanta na medida para Renata Explosão. O bloqueio do Unidos está mal colocado e Renata sobe para a cortada. Para o público parece impossível a defesa. Mas, quando Renata dobra o corpo no ar e bate com toda a força que tem, surgem de repente no seu caminho as mãos erguidas de Lucinha. A bola bate nelas e, com um oh! que ecoa no ginásio superlotado, a torcida demonstra todo o seu espanto. A bola caiu no lado do Quente-e-Bom. Lucinha conseguiu. É ponto do Unidos. É 15 a 13. É a vitória. É o Unidos campeão.

Depois de imaginar toda a cena, Lucinha suspira e sorri. Ainda empolgada, diz baixinho:

- Alô, São Paulo, prepare a festa, porque a salvadora do Unidos está chegando aí.

Só nesse instante ela nota que no banco ao seu lado, vazio quando o ônibus tinha saído da rodoviária, está sentada uma mulher de uns trinta e poucos anos.

- Você falou comigo, mocinha?

- Não, não. Eu estava só resmungando aqui contigo. Desculpe.

- Eu é que peço desculpas. O meu banco é lá no fundo, mas lá chacoalha muito. Aí eu vi este lugar vazio e vim para cá. Assim nós podemos bater um papinho se você quiser. Não é brincadeira viajar cinco horas.

- É - concorda Lucinha, sorrindo porque, se fosse seguir as recomendações da mãe, ficaria de olho naquela estranha que, sem mais nem menos, se instalava daquele jeito ao seu lado. Ah, como as mães são desconfiadas, pensa, começando a conversar com a mulher, enquanto o ônibus, atravessando a manhã já ensolarada, a leva cada vez mais perto do seu destino.

4 Assim eu não vou chegar nunca

Logo no início da conversa Lucinha sentiu que, apesar de mais jovem, a mulher tinha o mesmo jeitão de sua mãe. Como se fosse uma cópia de dona Clementina, começou a fazer perguntas em cima de perguntas e, em cinco minutos de conversa, já sabia que ela ia se submeter a um teste em um time de voleibol e talvez, se fosse aprovada, já ficasse direto na capital.

- É por isso que você está levando essa malona? - perguntou a mulher, apontando para o colo de Lucinha.

- É sim - disse Lucinha. - Tenho tudo aqui. Roupas, sapatos, até pasta dental e sabonete.

- Por que você não põe esse trambolho aí em cima, no portabagagem? Quer que eu a ajude a colocar?

- Não, obrigada - respondeu Lucinha, embora se sentisse uma caipirona e tivesse vontade de se livrar daquele peso em cima de suas pernas. Havia prometido à mãe que manteria a mala sob estrita vigilância e faria isso, ainda que lhe parecesse uma bobagem.

- Lá na capital você vai precisar ficar muito atenta, menina - recomeçou a mulher, como se estivesse ali com carta branca para substituir dona Clementina. - Lá é só ladrão e sem-vergonha. Em cada esquina não tem um só, não. Tem uns mil. E um mais bandido que o outro. Depois eu vou lhe dar o meu endereço lá de São Paulo. Assim, se você precisar de alguma coisa, é só me procurar.

Lucinha já estava desconfiada de que a mãe havia contratado aquela chata para funcionar como anjo da guarda dela, Não podia haver outra explicação. Até as frases que a mulher usava pareciam estar sendo sopradas por dona Clementina. Lucinha teve até vontade de ver se a mãe não estava no banco de trás quando ouviu isto:

- Numa cidade grande, uma garota como você precisa ter muito cuidado com as pessoas que se dizem suas amigas.

Seria possível que aquela enxerida, até o fim da viagem, não iria fazer nada além de ficar dando conselhos? Já estava achando que sim, quando a mulher abriu a bolsa, mexeu um pouco dentro dela e trouxe para fora um reluzente e farfalhante papel de seda azul.

- Quer uma balinha? - ofereceu.

Era difícil resistir a uma embalagem tão atraente. Lucinha aceitou. O gosto lhe pareceu uma mistura de hortelã e cereja. Era delicioso. Mas no momento em que acordou, duas horas depois, sua língua estava amarga. O motorista, curvado sobre ela, cutucava seu braço. Atordoadas, elas não estavam entendendo o que ele dizia:

- Ei, menina! Ei! O ônibus chegou. Vamos lá?

Ela devia estar sonhando. Só podia ser isso. O ônibus tinha chegado? Que ônibus? Ela por acaso não estava dentro de um, que a levava para São Paulo?

O motorista ajudou-a a se levantar do banco. Ela vacilou, cambaleou, quase foi ao chão. Ele então lhe perguntou:

- O que aconteceu? Você está se sentindo mal?

Lucinha estava com a boca seca, meio enjoada, e a cabeça lhe doía um pouco. Começou a recuperar a consciência. Lembrou-se da mulher, do tentador papel azul, da bala com gosto de hortelã e cereja. E, como um relâmpago, vieram-lhe à memória as recomendações da mãe para que ficasse atenta no ônibus e não tirasse os olhos da mala, de jeito nenhum.

- Meu Deus, onde está a minha mala?

O motorista riu. Parecia que a menina continuava tonta.

- Está aí no banco ao lado, você não está vendo? Lucinha suspirou, aliviada. A mala estava mesmo ali, no

assento vago. Mas, então, onde estava a intrometida que lhe tinha oferecido a balinha e os conselhos? Olhou para a frente) para os lados, para trás, e não viu ninguém.

- Onde estão os passageiros? - perguntou, espantada.

- Eles já estão no outro ônibus.

- No outro ônibus?

- É. Este aqui quebrou e nós tivemos que pedir para vir outro. Ele acaba de chegar. Eu vi que você estava deslanchada aí no maior sono e resolvi não incomodar. Mas agora você precisa ir, senão o outro ônibus vai embora.

- Ah, meu Deus! - exclamou Lucinha. - Que horas são?

- Nove e vinte - respondeu o motorista.

- Quantos minutos nós ficamos aqui parados? - quis saber ela.

- Uma hora e meia, por aí.

- Uma hora e meia? Ah, que droga! Eu preciso estar à uma hora no ginásio do Unidos.

- Sinto muito, mas você vai chegar atrasada. Depois de descer no terminal rodoviário você ainda vai precisar pegar o metrô até a estação Santa Cruz e um ônibus.

Você sabe, não é?

- Sei. É o Vila Ramos, não é?

- É.

Quando Lucinha subiu no ônibus reserva, os outros passageiros a olharam com irritação. Por causa daquela dorminhoca, o atraso ia ser maior ainda. Lucinha sentou-se de novo no banco número 14 e sentiu-se feliz por ver que a intrometida não tinha ocupado o 13. Devia estar lá pelo fundo, esperando o momento certo para dar o bote outra vez e vir amolar a paciência dela.

Ficou assim, torcendo para que a mulher tivesse esquecido dela, por mais ou menos meia hora. Depois, de repente, foi assaltada por um pressentimento: a chata não tinha entrado naquele ônibus. Imediatamente pôs a mão no bolso da jaqueta. Gelou. Não havia mais dinheiro ali. Então, sob duas dezenas de olhos curiosos, ela foi checar, um por um, todos os bancos. Só aí compreendeu tudo, desde quando a estranha tinha se aproximado dela até o momento em que lhe havia oferecido a balinha. A desgraçada tinha conseguido o que queria: tomar o seu dinheiro e ir embora.

Nesse instante, Lucinha se arrependeu de não ter levado mais a sério os conselhos da mãe. E a abençoou por ela haver insistido em colocar as notas graúdas e os documentos numa bolsinha com elástico, enfiado por dentro da roupa. Não fosse isso, ela estaria agora sem um centavo e a viagem precisaria parar por ali mesmo.

Analisando bem a situação, podia até se considerar uma garota de sorte. Afinal, além da maior parte do dinheiro, havia conservado a mala com toda a sua roupa e os

sapatos, que a cínica ladra não tinha querido ou não tinha podido levar. O jeito agora era torcer para que o ônibus substituto fosse melhor do que o titular e a viagem prosseguisse sem mais problemas. Ia chegar atrasada, já sabia disso, e talvez com dor de cabeça por causa da maldita balinha. Mas, se fosse necessário implorar a alguém para fazer o teste, ela imploraria. Até mil vezes, se mandassem. Até de joelhos, se exigissem.

5 Moça, o teste já acabou

Assim que o ônibus começou a encostar no terminal rodoviário Tietê, Lucinha desembestou pelo corredor e, distribuindo maladas e cotoveladas nos passageiros que estavam à sua frente, foi abrindo caminho.

- Que falta de respeito - indignou-se uma senhora empurrada sem cerimônia. - Sua mãe não ensinou nada a você, não?

- A juventude de hoje é assim mesmo - comentou um senhor também atingido pela mala e pelo cotovelo de Lucinha. - É dez em saúde e zero em educação.

- Espera aí, gente, não é bem assim - protestou um rapaz muito alto e muito forte, tomando a defesa de Lucinha, embora também tivesse sido atropelado por ela.

- Como não é assim? - protestaram várias vozes.

- Os jovens não são mal-educados, não. Vou dizer uma coisa. Eu sou jovem e não troco minha educação pela educação de nenhum coroa. Se vocês fossem educados de verdade, tinham esperado o motorista parar para começar a descer.

- É isso aí. Valeu! - aplaudiram os jovens, que pareciam maioria no ônibus.

- E por que você, que é tão educado, também não esperou o motorista parar? - perguntou a senhora que tinha começado o bate-boca.

- É, por que você não esperou? Saia dessa agora, sabichão - comemoraram os passageiros mais velhos.

Enquanto o conflito entre gerações se acirrava, Lucinha aproveitou a confusão e, dando mais alguns chega-para-lá, foi a primeira a sair e estava correndo para pegar o metrô. No embalo em que ia, pôs a mala à frente e, com o corpo, forçou a roleta. Não conseguiu passar. Forçou de novo e nada. Olhou para as outras catracas, sem entender como todo mundo passava e ela não.

- O que é isso aí? - perguntou a um homem, apontando para sua mão.

O homem sorriu. De onde será que vinha aquela garota?

- É a passagem, menina.

- E onde é que a gente compra?

-Ali, ó-informou o homem, indicando onde ficava o guichê.

Lucinha correu para lá. "Que burra que eu sou", pensava. Mas como podia saber que era preciso comprar a passagem antes de entrar no metrô? Imaginava que em cada vagão houvesse um cobrador...

Ao chegar ao guichê, viu que havia fila, e não era pequena. Então ela se desesperou. Faltavam vinte para as duas e já estava quarenta minutos atrasada para o teste. Foi isso que ela explicou, quase chorando, a uma senhora simpática que ocupava o terceiro lugar na fila. A mulher consultou as pessoas que estavam atrás. Uma ou duas ensaiaram um resmungo, mas dali a um minuto Lucinha estava de novo empurrando a catraca, que dessa vez a deixou passar.

Quando desceu na estação Santa Cruz, eram duas e quinze. Descobriu logo onde era o ponto do ônibus Vila Ramos. Perguntou à única pessoa que o estava esperando, uma menina com uma mochila escolar, se ele costumava demorar muito. A garota mexeu os ombros e disse, resignada:

- Quinze minutos, às vezes um pouco mais.

Quinze minutos, talvez mais? A informação fez Lucinha entrar em pânico. O atraso já ia para uma hora e meia e ela não poderia nem pensar em mais nenhuma demora. Esperou cinco minutos, sentindo a aflição subir do estômago para o pescoço, ameaçando sufocá-la. Então, censurando-se por não ter pensado naquilo antes, saiu do ponto e, apesar da mala abarrotada, correu para a esquina. Mesmo que precisasse gastar todo o dinheiro, tinha decidido tomar um táxi e acabar logo com aquela angústia.

O primeiro táxi passou ocupado. O segundo e o terceiro também. Quando o quarto, sem passageiro, surgiu no meio do trânsito, Lucinha, arriscando-se a ser atropelada, pulou para a rua e fezlhe acenos desesperados. O motorista diminuiu a velocidade, sorriu para ela e, quando parecia que ia parar, fez, antes de acelerar de novo e sumir, um sinal com a mão esquerda: ia almoçar.

Três minutos mais tarde, já cansada de levantar o braço inutilmente, ela olhou para o ponto do Vila Ramos a tempo de ver o maltratado ônibus azul e branco saindo. Desesperada, ainda tentou impedir que ele fosse embora, quase se atirando à sua frente. No instante em que ele passou o farol e se foi, Lucinha não resistiu mais. Deixou que as lágrimas lhe descessem pelo rosto e, no dia em que imaginava começar a conhecer o doce sabor do sucesso, sentiu nos lábios o gosto amargo da decepção. Um senhor se aproximou dela.

- O que é isso, menina? Está chorando por quê?

- É que eu estou superatrasada e acabei de perder o ônibus.

- Que ônibus é o seu?

- É o Vila Ramos.

- Dependendo do lugar em que você vai descer, aquele ali também serve - disse o homem, apontando um ônibus vermelho.

- Eu vou para o Unidos.

- O clube?

- É. Eu vou fazer um teste lá.

- Então pode pegar aquele mesmo. Olhe, é bom você correr. O motorista já está subindo.

Quando, quase sem fôlego, entrou no ônibus, Lucinha se lembrou de que, na pressa, não tinha nem agradecido ao homem. Sentou-se então, abriu a janela e, no momento em que o ônibus passou por ele, deu-lhe um tchauzinho. O homem retribuiu e gritou:

- Boa sorte, menina!

Era exatamente disso que ela ia precisar: de boa sorte. Eram duas e trinta e, se o teste no Unidos tivesse começado na hora, ela já estava noventa minutos atrasada...

Ao transpor a roleta, pediu ao cobrador que avisasse onde ela devia descer e perguntou quanto tempo levaria para chegar lá.

- Vinte minutos - respondeu ele.

Lucinha não queria acreditar. Vinte minutos ainda? Então ia chegar às duas e cinquenta! Estava tão angustiada que nem se interessou em olhar para fora e em começar a conhecer a gigantesca cidade onde esperava construir o seu futuro. Pensava no Unidos, no amor que tinha pelo clube desde menina e na oportunidade, que não podia perder, de pôr o uniforme do time: o calção vermelho, a camisa branca com a gola vermelha e o U, também vermelho, no peito.

Quando chegou ao clube e disse na portaria que estava ali para fazer teste com o professor Dantas, o relógio marcava três e cinco. O porteiro olhou para ela com pena, balançou a cabeça e disse:

- Moça, o teste já acabou. Faz uns cinco minutos que as meninas saíram.

- Ah, não pode ser. Não pode ser. Eu viajei quatrocentos quilômetros só para fazer o teste.

- Eu sei que isto é chato, moça. Mas o que eu posso fazer? O teste acabou.

- O professor Dantas ainda está no ginásio? - quis saber Lucinha.

- Eu acho que sim. Por aqui ele ainda não saiu.

-Então me deixa entrar, por favor. Eu quero pelo menos falar com ele, explicar por que eu cheguei atrasada. Posso ir lá dentro?

- Eu acho que não vai adiantar nada - respondeu o porteiro. - Mas, se você quer... Você preenche esta ficha, pega o crachá e pode ir. É só seguir as setas que você chega ao ginásio.

- Obrigada. Muito obrigada mesmo.

6 Você sabe quem foi o Dedê?

Por azar, o caminho para o ginásio era longo e íngreme. Quando entrou nele, afogueada pela subida e pelo peso da mala, Lucinha viu que o porteiro não tinha mentido.

Na quadra havia só dois homens: um, alto, forte e ainda jovem, olhava para um papel que o outro, de rosto austero e cabelos grisalhos, lhe mostrava. Ali devia estar o nome das aprovadas, pensou Lucinha. Aproximou-se do mais velho.

- Professor Dantas? - perguntou.

- Não. O professor Dantas é ele - disse o homem, apontando o outro.-Meu nome é Estanislau. Eu sou diretor do Departamento de Voleibol. Posso ajudar em alguma coisa? Você não veio para o teste, veio?

- V-v-im. Eu...

- Você chegou tarde demais. O teste acabou faz uns quinze minutos. É uma pena - lamentou Estanislau.

- É que o meu ônibus quebrou na estrada. O outro levou mais de uma hora para vir.

O professor Dantas, até então calado, entrou na conversa:

- Você veio de longe?

- Eu viajei quinhentos quilômetros - respondeu Lucinha, acrescentando cem quilômetros ao percurso. Achava que naquela hora de desespero valia tudo: fazer beicinho, implorar, até mentir um pouco.

- Quinhentos quilômetros? - admirou-se o professor. - Então foi uma pena mesmo. Eu sinto muito.

Lucinha não precisou fazer esforço para começar a chorar. As lágrimas brotaram espontaneamente.

- Meu Deus, isso não podia ter acontecido comigo-gemeu.

- Ah, menina! - disse o professor.

- Você chegou tarde demais. O teste acabou faz uns quinze minutos.

- Ah, menina! - disse o diretor, ao mesmo tempo.

O diretor estava sem jeito, como se tivesse sido acusado de cometer um crime hediondo e não soubesse como se penitenciar. O professor, que também havia assumido um ar de culpado, procurava inocentar-se:

- Olhe, não é má vontade nossa, não. Se fosse possível, eu faria o teste com você. Mas o rapaz até já chegou para tirar a rede, está vendo? Daqui a quinze minutos

começa o treino do time de basquete. Você sabe que nós agora também temos um time de basquete, não sabe?

- Sei, sim-murmurou Lucinha, engolindo lágrimas. - Eu conheço toda a história do Unidos, desde a fundação.

- É mesmo?! - admirou-se o diretor.

- É. Eu sempre fui torcedora fanática do Unidos. Cheguei até a brigar por causa dele. Fiquei quase um mês sem falar com a minha melhor amiga porque ela falou mal do time. Eu tenho uma gaveta cheia de recortes de jornais e revistas, flâmulas e fotos.

- Então você deve saber quem foi o Dedê - era o professor falando.

- Claro que sei. O Dedê foi o técnico que formou os primeiros times do Unidos. Foi campeão duas temporadas, depois foi treinar um time na Itália e parece que ficou por lá. Não foi isso?

- Foi isso mesmo - concordou o professor Dantas. - Só que agora o Dedê está de novo no Brasil e...

- Ah, é? Será que ele volta para o Unidos? -... está voltando para o Unidos.

- Ah, que bom! - vibrou Lucinha. Estava tão entusiasmada que parecia ter esquecido o seu drama.

O professor Dantas sorriu e deu um tapinha amistoso no ombro do diretor.

-Viu só, Estanislau? Acho que estamos trabalhando certo. A torcida gostou da volta do Dedê.

Depois, olhando bem nos olhos de Lucinha, perguntou:

- Você tem lá na sua casa alguma foto do time do Unidos de

1986 e 1987?

- Tenho, lógico - disse Lucinha, com orgulho. - Que timão era aquele, hem? Foi bicampeão paulista e bicampeão brasileiro. Ganhou também um sul-americano.

- Isso mesmo, garota - aplaudiu o professor Dantas. - Senti que você é mesmo torcedora fanática do Unidos.

- Daquele time todo mundo lembra, até os torcedores dos outros clubes. Era demais - suspirou Lucinha. - As seis jogadoras eram todas da seleção brasileira, mas a melhor delas era a Ana Lígia, não era? Que levantadora! Acho que ela foi a maior jogadora do mundo. Que pena que ela não joga mais...

- É, ela parou porque queria ficar mais tempo com o marido - disse Estanislau.

- E também com a filha, que sofre de bronquite crônica - completou Lucinha.

- Você pensa que sabe tudo mesmo, hem, menina? - provocou o professor Dantas. - Então me diga quem era o técnico daquele time.

- Esta é muito fácil - zombou Lucinha. - O técnico ainda era o Dedê. Só em 1988 ele foi para a Itália.

- Acertou. Menina, você acaba de ganhar um pacote de macarrão, um extrato de tomate e um abridor de latas - brincou o professor. - E, se responder certo à pergunta final, vai receber em casa, sem nenhuma despesa, um cacho de bananas, um quilo de batatas e um abacaxi.

Apesar de tudo que tinha sofrido naquele dia, Lucinha riu gostosamente.

- Pode fazer a pergunta, professor, e pode também ir providenciando os prêmios - desafiou.

- Se você tem mesmo na sua casa a foto daquele time, olhe bem para mim e me responda: por acaso eu estou nela?

Lucinha arrepiou-se toda. De repente, como se houvesse saído da foto que fazia tanto tempo ela guardava na gaveta, ela viu o homem que tantas vitórias tinha dado ao Unidos.

- Você está na foto, sim. Meu Deus, como eu não vi antes? Você é Décio Dantas, o Dedê, o Rei da Tática.

O professor parecia estar comovido.

- Até disso você se lembrou? Era assim mesmo que me chamavam. Eu estou um pouco mais velho, não é? E naquele tempo eu usava bigode. Foi por isso que você não me reconheceu logo.

- É que eu estou nervosa com o que aconteceu comigo. Eu devia ter desconfiado, quando li a notícia do teste no jornal, quem era o professor Dantas. Só não entendo como é que o jornalista não se tocou.

- A culpa não é dele. Ele publicou exatamente o que a secretária aqui do Unidos mandou para ele. E a secretária também não tem obrigação nenhuma de saber o que eu fiz no século passado e como as pessoas me chamavam naquela época. Mas qual foi mesmo o prêmio que eu prometi se você respondesse certo?

- Não lembro. Acho que foi um cacho de bananas, uma dúzia de laranjas e um mamão, não foi?

- Olhe, pode ter sido isso mesmo. Mas, como eu também não lembro, você vai ser obrigada a aceitar um prêmio que eu vou estipular aqui com o Estanislau. Espere só um instante.

Disse isso, pôs a mão no ombro do diretor de voleibol e caminhou dez passos com ele. Conversaram por uns dois minutos. Quando voltaram para perto de Lucinha, estavam

sorrindo.

- Menina, como é o seu nome? - perguntou Estanislau.

- É Lúcia. Lucinha, como todo mundo me chama.

- Bom, Lucinha - agora era Dedê falando -, eu e o chefão aqui decidimos que uma torcedora fanática como você não pode viajar quinhentos quilômetros para fazer teste no Unidos e ir embora sem fazer o teste. Além disso, nós achamos que uma garota com um metro e oitenta e cinco...

- Um metro e oitenta e seis - corrigiu Lucinha.

- ... um metro e oitenta e seis e dezenove anos... - continuou Dedê.

- Dezoito anos - corrigiu de novo Lucinha.

- ... e dezoito anos merece uma oportunidade, mesmo que chegue atrasada.

Lucinha começou a dar pulos de alegria.

- Calma, Lucinha, calma. É melhor você se poupar. Se não, na hora do teste, você vai levar nota zero em impulsão - aconselhou Dedê. Depois, com a voz subitamente alterada, gritou:

- Ei, ei, pare com isso! Pare, droga. Eu estou mandando. Lucinha se assustou, pensando que os berros do professor

fossem com ela. Não eram. Eram com o rapaz que, no meio da quadra, tinha começado a tirar a rede. Dedê correu para lá.

- Não é para tirar a rede, não.

O rapaz não estava entendendo nada.

- Mas o senhor mesmo e o seu Estanislau disseram que era para tirar, para o treino de basquete...

- Era, mas agora não é mais. O pessoal do basquete que espere. Droga! O Unidos sempre foi e sempre será um time de voleibol.

- Tá bom, seu Dedê, tá bom - o rapaz saiu resmungando.

- Muito bem, Lucinha-disse Dedê. - Agora você vá correndo ali até o vestiário feminino e peça um uniforme de treino à dona Maria. Vamos ver o que você sabe fazer com uma bola de vôlei.

7 Na paralela e na diagonal

O calção estava desbotado. A gola da camisa também, além de desfiada. Mas, para Lucinha, aquilo era até mais emocionante do que se estivesse com um uniforme novinho. Ela imaginava quantas das estrelas do Unidos, seus ídolos, tinham entrado com aquela camisa, com aquele calção, naquele ginásio onde agora ela ia tentar a cartada mais importante da sua vida. Sabia que se tivesse talento mesmo, como acreditava, ali estava o homem certo para reconhecer isso. Dedê era famoso justamente por haver lançado novatas que em pouco tempo se tornaram jogadoras da seleção brasileira. Ele não tinha acertado quase em cima a idade dela e a altura?

- Vamos, Lucinha, vamos. Depressa - exigiu Dedê, batendo palmas para apressá-la. - Nós temos só dez minutos. Depois, a cambada do basquete vai invadir isto aqui.

Tão confiante até aquele momento, Lucinha tremeu quando viu a bola na mão dele. Sem ter tempo de fazer a ginástica para se aquecer, ia precisar mostrar em dez minutos que merecia um lugar no time de juvenis do Unidos. Dedê começou jogando bolas baixas, para testar os seus reflexos de defesa. Ela se saiu bem, com uma ou outra falha.

Quando pensava já ter sido aprovada nesse fundamento, Lucinha viu, apavorada, Dedê pegar mais uma bola e pedir auxílio a Estanislau.

- Me dá uma ajuda aqui, Lalau. Vamos acabar com a boa vida dessa mocinha. Agora eu quero ver se ela defende mesmo.

O técnico e o diretor começaram então a se revezar na tarefa de, cada vez com maior rapidez, atirar bolas rasantes para que Lucinha provasse ter, com toda sua altura, agilidade suficiente para rebatê-las. Depois de dois minutos naquele abaixa-levanta, abaixalevanta, tinha já empapado a camisa de suor e seu rosto havia adquirido a cor de um tomate prestes a passar do ponto. Nunca o técnico do timinho do colégio, seu José Florêncio, a havia submetido a um treino tão forte de defesa.

Quando parecia que os doloridos músculos de suas pernas iam estourar, ela recebeu com alívio e gratidão a ordem de Dedê:

- Tá bom, menina, tá bom. Chega.

Ela tentou agradecer, mas a respiração atropelada fez sair de sua boca um sussurro intraduzível. Pensou em sentar-se um pouco, mas não teve tempo.

- Agora, para descansar, vamos bater uma bolinha para ver como está o seu toque. Vamos, vamos! Nada de moleza, Lucinha!

Com as pernas trêmulas e a cabeça girando, Lucinha procurou se concentrar no exercício. Precisava provar a Dedê que sabia tocar a bola levemente, com a ponta dos dedos, sem empurrá-la, porque empurrar a bola era uma falta que os juizes não perdoavam. Até seu José Florêncio, nem sempre muito exigente nos detalhes técnicos, se irritava se alguma das jogadoras cometia essa falha. Normalmente calmo, quando isso acontecia ele ficava furioso e berrava:

- Olhe essa condução! Tenha dó! O lance más horroroso que existe no voleibol é conduzir a bola. É a mesma coisa que um jogador de futebol bater de canela ou um músico tocar uma nota errada.

Lembrando-se dessa frase, Lucinha caprichou. Já um pouco mais à vontade, sentiu, pela expressão de Dedê, que podia até não estar agradando tanto quanto esperava, mas desagradando não estava, de jeito nenhum. Quando Dedê mandou que fosse para a linha de saque, ela já estava bem mais confiante. No colégio, tinha a fama de sacar muito bem.

Faltou força ao primeiro saque e a bola foi para a rede. O segundo foi igual: rede. Aí, preocupando-se em bater mais forte na bola, Lucinha exagerou. A bola passou a rede, mas ultrapassou também a última linha da quadra. Lucinha soltou um palavrão.

- Calma, Lucinha. O que é isso? Palavrão não ganha jogo. Esfrie a cabeça, menina.

Lucinha respirou fundo. Sabia que era um momento decisivo. Se não conseguisse se acalmar, como o professor sugeria, o fracasso no teste seria inevitável. Acuada, resolveu tentar um lance de audácia:

- Professor, posso tentar um saque viagem?

Dedê sorriu. Parecia não acreditar no que tinha ouvido.

- Um viagem? Mas não está entrando nem o saque normal... Como Lucinha continuava a olhar suplicante para ele, concordou:

- Tá certo. Pode tentar, se você quiser. Você é quem sabe. A situação estava clara. Depois dos três erros seguidos nos

saques mais fáceis, só restava uma possibilidade a Lucinha: acertar ou acertar. Tinha certeza de que, se errasse agora, ficaria tão arrasada, tão diminuída, que não conseguiria mais nada no teste.

Concentrando-se e pedindo a Deus que a ajudasse, tomou posição, jogou a bola bem para o alto, saltou com vontade e, como se estivesse dando uma cortada, bateu violentamente

com a mão direita. Depois, torceu como nunca havia feito na vida. A bola passou velozmente para o outro lado da quadra e, como se Deus a estivesse guiando, caiu bem em cima da risca. Um saque perfeito. O próprio Dedê reconheceu:

- Um saque perfeito, menina. Perfeito. Será que você é capaz de acertar outro?

Exultante, Lucinha disse que podia tentar. Já quase livre da tensão, pegou a bola, repetiu os movimentos e viu, com um grito de satisfação, a bola passar como um foguete pela rede e explodir de novo em cima da linha.

- Muito bom - comemorou o professor. - Muito bom mesmo. Vamos agora tentar outra vez um saque simples, para ver se você consegue?

Lucinha apontou o polegar para cima, recebendo a bola devolvida por Dedê. Com a confiança recuperada, ela se sentia disposta a continuar sacando a tarde inteira, se o professor quisesse.

Não precisou sacar a tarde inteira. Dois minutos bastaram para Dedê se certificar de que Lucinha dominava aquele fundamento. Tinha chegado a hora de ver como ela se saía nas cortadas. Essa era, para ela, a parte essencial. Com um metro e oitenta e seis, uma altura excelente para o voleibol feminino, o que qualquer técnico gostaria de saber era como ela atacava. Era exatamente isso que lhe cabia mostrar agora.

Dedê começou a levantar bolas para as pancadas de Lucinha. No outro lado da quadra, Estanislau ia recolhendo as bolas e devolvendo-as tão rápido quanto podia. Dedê foi aumentando o ritmo e comandando:

- Bata esta na diagonal. Isto. Esta na paralela. Isto. Mais forte, mais forte. Desça o braço com vontade. Na paralela. Na diagonal. Assim. Muito bem.

Dedê foi pegar mais algumas bolas no vestiário. Quando voltou, disse a Lucinha:

-Agora quero que você aperte o ritmo. Você também, Estanislau. Quero que você devolva as bolas mais rápido ainda. Tá bom?

Lucinha e Estanislau fizeram que sim, com a cabeça.

- Vamos começar, então. Tudo pronto? - perguntou Dedê. Lucinha e Estanislau fizeram de novo que sim.

- Então vamos começar. Lucinha, eu quero que você meta o braço na bola como se estivesse batendo na cara de um sujeito que ofendeu sua mãe. Desça o cacete com toda a fé, tá ouvindo? Mas sempre variando: algumas na diagonal, algumas na paralela, algumas no fundo. Entendeu?

- Entendi.

- Então, pau na máquina!

Durante uns três minutos que lhe pareceram trinta, Lucinha fez o que Dedê tinha mandado. Deu cortadas a torto e a direito, obedecendo ao comando frenético:

- Mais forte! Mais forte! Força! Quebra! Racha! Arrebenta! O suor lhe corria pelo rosto, pelos braços, pelo corpo, e ela

não pensava em nada, só em bater cada vez mais forte, em quebrar, em rachar, em arrebentar. No instante em que Dedê parou de levantar bolas para as cortadas, Lucinha não precisou olhar nos olhos dele para saber se tinha passado no teste. Da arquibancada vieram palmas e gritos:

- Aí, garota! Beleza, loirinha! Você arrasou!

Eram os jogadores de basquete, que tinham chegado para treinar, sem que ela percebesse. Emocionada, ela sorriu para eles. Sorriu também para Estanislau, que, tão cansado quanto ela, lhe fez um sinal de positivo, no outro lado da quadra. Então Lucinha olhou para Dedê e, humilde, perguntou:

- Como é que eu fui, professor?

- Menina, eu só vou lhe dizer uma coisa: você não viajou os quinhentos quilômetros à toa. Agora vá tomar um banho e volte logo. Precisamos conversar. Quantos anos mesmo você tem? Dezoito?

- É. Dezoito.

- Eu acho que você vai ter muito o que fazer nos próximos quinze anos, menina.

8 Um gato e uma boneca

Ao sair do vestiário, Lucinha ouviu de novo elogios dos jogadores de basquete que, na quadra já sem a rede de vôlei, estavam começando a treinar:

- Aí, loirinha. Que arraso, hem? Você gastou a bola. Maravilha!

Sem jeito, ela acelerou o passo para chegar logo à porta do ginásio, onde Dedê e Estanislau a esperavam. No meio do caminho, sentiu um dedo no ombro. Era um dos jogadores de basquete, talvez o mais alto deles e sem dúvida o mais bonito: queixo fino, nariz bem formado, sorriso simpático e olhos fantasticamente verdes. Sua voz também era agradável:

- Parabéns, garota. Parabéns mesmo. Você arrebentou.

- Obrigada.

-Aí, loirinha. Que arraso, hem? Você gastou a bola. Maravilha!

- Já que você parece que vai ficar um bom tempo por aqui, e eu também, porque a gente não se apresenta? Eu me chamo Fábio.

Lucinha nunca tinha visto um rapaz tão desinibido.

- Meu nome é Lucinha.

O diálogo foi interrompido por um berro:

- Ô Fábio! Você vem treinar ou eu posso dizer ao presidente do clube que você quer abandonar a carreira?

Gargalhadas acompanharam o fim da frase. Eram os outros jogadores. Eles riram de novo quando Fábio, num pique impressionante, voltou para a quadra e pediu desculpas ao técnico. Tinha decidido continuar na carreira.

- Parece que você já tem um fã-clube, hem, menina? - disse Dedê enquanto caminhava, com Estanislau e Lucinha, para a sala do Departamento de Voleibol.

- É, parece que sim - respondeu Lucinha, encabulada.

- Conte para ela - pediu Estanislau. - Conte aquilo.

- Vou contar, sim, mesmo correndo o risco de transformar a nossa garota aqui em uma grande mascarada.

- O que é? - interessou-se Lucinha.

- É o seguinte, menina - começou Dedê. - Sabe que você foi a única aprovada no teste de hoje?

- É verdade?!

- Verdade verdadeira. Apareceram trinta e duas meninas, não é, Lalau?

- É. Isso aí, Dedê - confirmou Estanislau, depois de dar uma espiada no papel que tinha nas mãos. - Trinta e duas.

- E nenhuma serviu?

- Nenhuma, Lucinha. Nenhuma mesmo. Um pouco antes de você chegar, eu estava comentando aqui com o Lalau que deve ter sido o pessoal do Quente-e-Bom que mandou aquela turma para cá...

Lucinha e Estanislau riram.

- Se eu fosse preguiçoso - continuou Dedê -, eu estaria até feliz com isso. Porque o teste de amanhã foi cancelado. Eu esperava selecionar as melhores hoje e, amanhã, com mais calma, fazer a peneira final. Mas as garotas eram tão fracas que em dois tempos eu fui obrigado a dispensar todas.

- Puxa, eu estou com pena delas - disse Lucinha. - Eu imagino o que estaria sentindo se eu precisasse voltar para casa sem ter passado no teste.

- Ah, não esquite com isso - aconselhou Dedê. - Isso é assim mesmo. Se todas as meninas fossem estrelas do vôlei, quem ia ser médica, advogada ou secretária? Ainda bem que o juvenil já está praticamente montado. E vai ser um timão. O que estava faltando era uma atacante, agora não está faltando mais. O Wilsinho não vai acreditar quando eu contar a ele sobre você.

- Wilsinho? - perguntou Lucinha.

- É. O técnico do juvenil. Ele saiu arrasado daqui, uns minutos antes de você chegar. Eu vou dar só um tempo, esperar que ele chegue à casa dele, e ligar. Ele vai ficar doido de alegria.

Conversando, tinham chegado à sala do Departamento de Voleibol. Assim que entraram, Lucinha olhou encantada para as paredes. Ali estava boa parte da história do Unidos. Times de raça, times campeões. Jogadoras que fizeram a história do voleibol brasileiro e mundial. Parou diante das fotos das temporadas de 1986 e 1987. Ali estava Ana Lúcia, seu maior ídolo. Suspirou. Parecia hipnotizada. Tinha entrado num mundo de sonhos. Dedê precisou estalar os dedos para fazê-la voltar.

- Lucinha, ei, Lucinha. Venha aqui, menina. Sente aqui. Precisamos conversar. O Estanislau vai dizer a você como funciona o esquema do juvenil. Espero que você não tenha fugido de casa para vir fazer o teste.

Lucinha riu.

- Não, eu não fugi. Minha mãe sempre me apoiou. Meu pai ficou um pouco na bronca, mas no fim me deixou vir.

-Ótimo. É bom que eles estejam de acordo. Você já tem dezoito anos, mas mesmo assim eles vão precisar assinar uns papéis. Eles

podem vir aqui?

-Não sei, não. Os dois trabalham lá na prefeitura de Laranjeira e, amanhã e depois, eles vão estar trabalhando numa campanha de vacinação. Não vão poder sair de lá. Só se eu levar os papéis.

-Não, não, nada disso. Eu quero que você já vá se integrando ao time. O entrosamento com as outras meninas vai ser muito importante. O campeonato, você sabe, começa agora em março. Amanhã eu quero que você já se apresente ao Wilsinho e comece a treinar. Nós podemos mandar os papéis pelo correio, não é, Lalau? Explique tudo a ela.

- Podemos, sim. Isso não é problema. Tem tempo. Agora eu vou explicar o que o Unidos pode oferecer a você. Vamos começar pelo dinheiro. É pouco, mas é o que ganham todas as garotas do juvenil, isso eu garanto.

Quando Estanislau disse qual era o salário, Lucinha quase caiu para trás. Era muito dinheiro, quase tanto quanto o pai e a mãe, juntos, ganhavam. Para não passar por caipira, fingiu indiferença.

- Nós damos também todo o uniforme, incluindo os tênis, e pagamos a escola. Em que ano você está?

- Eu terminei o colegial e quero fazer cursinho, para ver se entro na faculdade de Educação Física, no ano que vem.

- Pode ficar tranqüila. Já na segunda nós vamos tratar disso.

- E onde eu vou morar?

- Pode ficar sossegada também quanto a isso. Eu vou lhe mostrar o seu apartamento agora mesmo. Você vai com a gente, Dedê?

- Vou, sim. Você vai gostar, Lucinha. É um apartamento ajeitadinho.

Lucinha já estava começando a se preocupar, imaginando se conseguiria viver sozinha, quando Dedê avisou:

- Você vai morar com a Sílvia. É uma garota sensacional, também do juvenil. E ela vai ficar muito feliz. Ela anda se queixando de solidão. A Sílvia veio do interior também, como você. Ela está com a gente há uns quinze dias.

Meia hora depois, estavam no apartamento. Tocaram a campainha. Assim que a moreninha abriu a porta, Lucinha gostou dela. Parecia ter menos de quinze anos, com sua cara de boneca e suas tranças de boneca.

- Sílvia, vai acabar essa sua moleza de morar sozinha neste apartamentão - brincou Estanislau. - Você vai precisar dividir este palácio com a Lucinha.

- Oi, Lucinha. - O sorriso de Sílvia também era sorriso de boneca. - Você sabe cozinhar?

Lucinha riu.

- Oi. Já vi que você é interesseira, hem? Mas eu sei, sim, Sílvia. Lá em casa o pessoal não reclama do que eu faço.

- Ai, que bom, menina! Que bom! Porque eu só sei fazer café e miojo. Sei também abrir o pacote e despejar leite no copo... Mas vão entrando. Não reparem na bagunça.

Dez minutos depois, quando saíram, depois de avisar mais uma vez que ia haver treinos no sábado e no domingo, Dedê e Estanislau estavam felizes. As meninas iam se dar bem.

Parecia que iam mesmo. Assim que se viram sozinhas, começaram a tagarelar. Falaram de suas cidades, da família, das preferências comuns. Quando chegaram aparte dos namorados, Lucinha disse que não tinha, Sílvia confessou que estava de olho em um.

- É um gato lá do basquete do Unidos. Só você vendo como ele é lindo. Todos do basquete são. Você vai conhecer.

- Eu vi o time treinando. Por acaso é no Fábio que você está interessada?

- Nossa! Estou vendo que você é rápida. Chegou hoje e já conhece o Fábio, o maior galã do basquete?

- Já. É ele o cara?

- Não. Quem me dera. Eu sou modesta. O Fábio é areia demais para o meu caminhãozinho. O meu gato é o Luís Eduardo.

- Luís Eduardo?

- É. Um altão. Lucinha riu.

- Muito esclarecedor. Todo mundo é altão lá. Aí foi a vez de Sílvia rir.

Continuaram assim, falando de coisas banais e coisas importantes, e no fim passaram ao assunto que mais lhes interessava: o voleibol.

- Você precisava conhecer a Salete - disse Sílvia. - Ela é legal.

- Salete?

- É. Uma menina que morava aqui. Ela foi embora faz uns cinco dias. Jogava muito.

- Jogava? Não joga mais?

- Não.

- Por quê?

Sílvia fez uma careta e apontou o joelho.

- O joelho dela pifou? - perguntou Lucinha.

- Foi. Coitada. Ela foi a revelação no infanto-juvenil e este ano tinha tudo para ser a estrela do juvenil. O Wilsinho me disse que ela era demais. Mas o joelho começou a dar problema. Ela fez duas operações, mas não ficou boa.

- Ela desistiu de jogar?

- Desistiu. Já no outro time dela, o Água Viva, ela jogava uma partida e ficava outra parada. Você precisava ver a cara dela quando se despediu de mim e das outras.

- Coitada! Eu não gosto nem de saber dessas coisas.

- Eu não devia ter contado isso. Desculpe.

- Tudo bem. Deixa pra lá.

Para acabar com a tristeza de Lucinha, Sílvia, com seus quinze dias de São Paulo, ofereceu-se para mostrar a cidade a ela.

- Vamos fazer o roteiro do hambúrguer - anunciou. - Isso eu já estou dominando bem. Conheço uns dez lugares que fazem um hambúrguer genial.

9 A Ana Lúcia e o Fábio são demais

Assim que viu o carteiro aparecer no começo da rua, dona Clementina abriu o portão e foi ao encontro dele. Não agüentava mais esperar. Fazia uma semana que Lucinha estava na capital e ela não tinha imaginado que a saudade pudesse ser um sentimento tão forte. Lucinha havia telefonado no domingo, avisando que tinha sido aprovada no teste e já estava até treinando no juvenil do Unidos. Foram uns dez minutos de conversa que, para dona Clementina e para seu Otacílio, correram depressa demais. Sem telefone em casa, tinham pedido licença ao vizinho para receber a ligação e, embora o Unidos estivesse pagando o telefonema, sentiram-se constrangidos e pediram mil desculpas ao dono da casa.

Lucinha disse que telefonaria uma vez por semana e procuraria mandar uma carta de três em três dias. Dona Clementina tinha a intuição de que naquela manhã chegaria a primeira. Como até os carteiros sabem que intuição de mãe não falha, ela recebeu mesmo a carta e, ainda na rua, a abriu. Entrou na sala lendo em voz alta, para que seu Otacílio ouvisse.

Mamãe,

Espero que você e o papai estejam bem e torcendo por mim. Eu aqui estou a própria caipira deslumbrada. Também, não é para menos. São Paulo é uma loucura. Não dá para imaginar como tudo aqui é grande. Vocês vão ver quando vierem me visitar.

Como eu disse quando liguei, estou morando num apartamento muito bonito e grande, com a Sílvia. Quando vocês vierem, vocês vão poder ficar aqui comigo. Nós temos dois quartos enormes e também uma boa sala com um sofá-cama.

Eu e a Sílvia estamos nos dando muito bem. Ela é um amor. Joga feito gente grande, mas no resto é uma criança. Ela tem um jeito de boneca, vocês vão ver. Nós treinamos

de manhã e almoçamos no clube mesmo. É uma comida bem gostosa e - o que é melhor - de graça. Estou até com medo de engordar. Depois do almoço nós vamos para o apartamento, de ônibus, descansar. O apartamento não é longe. À tarde nós voltamos para o clube e treinamos outra vez. Ah, por falar em treino: o nosso técnico, o Wilsinho, é um carrasco. Enquanto a gente não entra na quadra, ele é muito bonzinho. Mas, depois que entramos, ah, meu Deus, ele vira um demônio. Não dá um segundo de sossego. A gente não pode nem olhar para o lado, que ele dá logo uma bronca. É só treinar, treinar, treinar.

Quando acaba o treino da tarde, nós jantamos no clube (também uma delícia e também de graça) e às vezes, quando a canseira não está demais, eu e a Sílvia saímos para passear. Ontem nós fomos ao shopping e eu não queria mais sair de lá. Mãe, é uma loucura! Acho que o seu Arão, que vive aí todo cheio de pose por causa do supermercado dele, nunca entrou num shopping. Se tivesse entrado, ia ficar com vergonha de encher a boca, como ele faz, para falar no Supermercado Arão...

No telefonema eu falei do Dedê e do seu Estanislau, não é? O Dedê é o técnico do time principal, mas não perde um treino do juvenil. Ele orienta muito a gente e também nos dá muita força. Ele sempre diz que uma juvenil precisa estar preparada para entrar no time de cima a qualquer momento, se for necessário. Parece que eu e a Sílvia vamos de vez em quando sentar no banco de reservas do principal e, se o jogo estiver fácil, nós podemos até entrar, um minuto ou dois. Imaginou?

Agora no carnaval eu esperava ter uns dias de folga para ir aí, mas o Wilsinho disse que de jeito nenhum. Nós vamos continuar treinando, em dois períodos. Ele mandou um espião ver o treino do juvenil do Quente-e-Bom, nosso maior adversário, e disse que nós estamos muito abaixo delas. Agora você viu: se ele já massacrava a gente antes, imagine o que ele está fazendo agora. Só falta treinar à noite também.

Mas eu falei do Dedê e estava esquecendo de falar do Estanislau, o nosso diretor. Ele também é sensacional. Trata de tudo, não deixa faltar nada para as meninas. Ontem instalaram no nosso apartamento uma máquina de lavar roupa muito jeitosinha, quase igual à nossa aí. Ainda bem que a senhora me ensinou a lidar com essas coisas,

porque a Sílvia é um vexame. Não sabe fazer nada. Às vezes, quando baixa a fome em nós duas, sou eu que faço alguma comidinha. Ela, no fogão, só sabe esquentar água. Eu fiz uma lasanha anteontem e ela adorou.

Escrevi, escrevi, e não disse o que eu queria dizer do seu Estanislau. Eu contei para a senhora quanto eu vou ganhar, não é? Então eu pedi a ele, e todo mês, no dia 5, vai ser feito um depósito para o banco daí, na conta de vocês. Vou mandar a metade, ou um pouco mais, e fico com o resto. Preciso comprar umas roupas e outras coisinhas. Se vocês quiserem, e o dinheiro der, vocês podem agora fazer aquela reforma na sala e na cozinha. O papai vai gostar muito de conversar com o seu Estanislau quando vocês vierem me ver. Os dois têm o mesmo jeitão e um papo quase igual. Você sabe: política, economia, essas coisas. Se vocês puderem vir no Carnaval, vai ser ótimo. Vocês vêm? Se o prefeito pedir a ajuda de vocês naquelas drogas de comissões de festas, vocês dizem que estão doentes e pronto. Outra coisa: em maio eu vou me matricular num cursinho. Pergunte quanto eu vou gastar. Perguntou? Eu respondo: nada. Tudo vai ficar por conta do Unidos.

Se a senhora encontrar alguma das meninas do CAVB, diga que logo eu mando uma carta para a casa da Patrícia. Ainda não escrevi para elas porque eu quero dar um tempo. É capaz de elas acharem que eu estou tentando esnobar.

Mãe, a senhora não imagina como eu evolui nesses poucos dias em que estou aqui. Eu pensava que já sabia tudo, mas não sabia nada. O que eu aprendi aqui não ia aprender nem em dez anos aí. O seu José Florêncio entende de vôlei, isso é verdade, mas aí falta estrutura. Só o que existe aqui de bolas e uniformes dava para montar uns trinta times. E a preparação física, então? Eu estou correndo muito, saltando melhor do que nunca, com um fôlego que só vocês vendo.

Está na hora de ir para o treino da tarde e eu só tenho tempo para contar uma coisa que me deixou arrepiada hoje de manhã. Eu tinha acabado de treinar, estava de banho tomado e nem ia ver o treino do principal, porque o cansaço era muito e eu queria ir logo para o apartamento. Estava conversando com a Sílvia quando notei uma movimentação diferente na quadra. Havia mais gente do que de costume.

Eu e a Sílvia fomos chegando perto da aglomeração e, de repente, quem eu vejo ali, de uniforme, se aquecendo para entrar na quadra? Mamãe, você não vai acreditar. Era a Ana Lígia! A Ana Lígia!! A Ana Lígia!!! Aquela. A maior de todas. A melhor jogadora de vôlei do Brasil de todos os tempos. A Ana Lígia estava parada para se dedicar à família, mas o Dedê disse que o Unidos estava precisando muito dela, e ela topou voltar. Agora quero só ver se a Zizi Mãos de Ouro e a Renata Explosão vão ter coragem de dizer que o Unidos é moleza. Ah, se você visse como a Ana Lígia é simples! Ela fez questão de apertar a mão de todas as jogadoras do principal, antes de começar o treino. E, depois, o Dedê disse a ela que eu e a Sílvia somos grandes revelações do juvenil - assim mesmo: grandes revelações do juvenil - e sabe o que ela fez? Apertou a nossa mão e ainda nos deu o maior abraço. Imagine, mamãe! Sua filha abraçada pela Ana Lígia! Nem conte isso para as meninas do CAVB, que elas não vão acreditar nunca. Mas para o seu José Florêncio pode contar. Ele vai ficar muito feliz, porque a Ana Lígia é demais. Mas demais mesmo.

Acho que ainda tenho tempo - a Sílvia não acaba de tomar banho nunca-de falar de outra coisa muito importante para mim. É do Fábio. Ah, se ele soubesse que eu falei que ele é coisa... Mas você me entende, não é, mãe? Todos os gatos que eu tive - o Bigodinho, o Carlitos, o Pitico - eu também não chamava de coisas, de coisinhas lindas? Então, o Fábio é isso. É um gato, é uma coisa fofa.

Ele é jogador de basquete do Unidos. Você sabe que eu não sou lá muito de basquete. Nunca fui. Mas agora estou começando a me interessar. Já estou ficando até por dentro. Quem me ensina é o Fábio, claro. Mãe, ele joga divinamente bem. Tem só vinte e um anos e é o melhor jogador do Unidos. Não é proteção minha, não. De jeito nenhum. Ele joga mesmo. E se você visse os olhos dele! São verdes, mas tão verdes que chegam a faiscar, até de dia. Parece que ele gosta de mim. É cedo ainda para dizer - nós nos conhecemos há tão pouco tempo -, mas eu acho que ele gosta desta sua filha aqui. Ele me contou que achava as morenas mais lindas, mas isso só antes de me conhecer. Diz que ama a minha boca, que eu sempre achei grande demais, e que nunca viu olhos mais azuis do que os meus. Até o meu nariz, que eu sempre achei

batatudo, ele diz que é divino. Da covinha no queixo não preciso nem falar, não é? Reze aí para também isto dar certo, está bom, mamãe? Porque o Fábio é demais. Demais, demais, demais.

Vou parando por aqui, porque a Sílvia já está pronta e nós precisamos ir para o treino. Tchau. Olhe, a Sílvia está mandando um abraço para a senhora. Eu também, para a senhora e para o papai. Até a próxima.

10 • O que aconteceu com o Fábio?

Naquela tarde, depois do seu treino, Lucinha ficou para ver o do time principal. Valeu a pena. Ana Lígia, apesar dos seus trinta e quatro anos, tinha mostrado que já estava entrando em forma e podia, contra todos os prognósticos, levar o Unidos a uma disputa acirrada com o Quente-e-Bom pelo título da temporada. Embora procurassem aparentar tranqüilidade, até os quente-bonenses já começavam a se preocupar. Os sinais dessa inquietação aumentavam dia a dia. Num dos treinos da semana anterior, de repente Dedê viu na arquibancada do Unidos um sujeito que ninguém conhecia. Sócio não era, nem torcedor, nem repórter. ,

Dedê saiu por alguns instantes da quadra e foi pedir a um dos seguranças do clube que, sem dar na vista, tomasse posição atrás da estranha figura e ficasse atento.

Enquanto as jogadoras estavam no aquecimento, o homem se manteve impassível, comendo pipoca. Mas, no momento em que Dedê distribuiu pela quadra as seis titulares e as seis reservas, o homem tirou sorrateiramente um bloquinho do bolso e começou a fazer anotações.

Quando as duas principais atacantes do time chegaram à rede e Ana Lígia começou a levantar para elas, com toda a sua categoria, bolas lentas, bolas rápidas, bolas de tempo, bolas de segurança - variando o jogo como só ela sabia fazer -, o homem abriu sua sacola e, sem cerimônia, tirando dela uma fumadora, pôs-se a gravar tudo.

Foi interrompido no seu trabalho por duas mãos que pousaram no seu ombro como garras. Cinco minutos depois, não tendo conseguido provar que não era espião do Quente-e-Bom,

foi convidado a se retirar do ginásio. Permitiram-lhe levar tudo com que tinha entrado, incluindo o saquinho de pipocas, que estava pela metade. Até o bloquinho lhe foi restituído embora naquela altura já lhe faltassem duas ou três páginas. Pôde levar também a filmadora, prova da hospitalidade do pessoal do Unidos. E, para que não saísse com dúvidas quanto ao seu talento na arte de registrar lances de voleibol, Dedê fez a gentileza de ficar com o seu filme, para apreciá-lo em casa.

Depois do tremo do time principal, retiraram a rede e Lucinha e Sílvia ficaram esperando a entrada do time de basquete. Lucinha suspirando por Fábio; Sílvia, por Luís Eduardo. Assim que viu Fábio aparecer na porta do vestiário, Lucinha acenou e foi caminhando para ele. Mas Fábio lhe fez um sinal, pedindo um tempo, e foi até o primeiro degrau da arquibancada, onde estava sentado um homem de uns cinqüenta anos, de aspecto sombrio. Sentou-se ao lado dele e começaram a conversar.

De longe, Lucinha julgou ter visto sinais de impaciência em Fábio. Por duas vezes ele chegou a se levantar, mas o homem o fez sentar-se de novo. O diálogo parecia tenso. No fim, Fábio baixou a cabeça, como se estivesse concordando com o que lhe dizia o homem. Este, sorrindo, deu-lhe então umas palmadinhas no ombro. Apesar do sorriso, seu rosto continuou sombrio, quase sinistro. Lucinha sentiu um arrepio lhe correr pelo corpo. Aquele sujeito conseguiria papel em qualquer filme de terror.

Ela teve só um minuto para conversar com Fábio antes de começar o treino. Percebeu que ele procurava aparentar tranqüilidade, mas as mãos o traíam. Estavam tremendo. E o seu sorriso, forçado, era tão sombrio quanto o do homem que o havia perturbado tanto. O técnico, Pimentinha, chegou a lhe perguntar se estava com algum problema. Os arremessos de três pontos, especialidade de Fábio, não estavam caindo. Ele também não estava voltando para a defesa com a rapidez necessária e não conseguia acertar nem os lances livres.

O desempenho do melhor jogador do time deixou Pimentinha inquieto. O adversário seguinte - o Juventude - era fácil e, além disso, a classificação do Unidos para as semifinais do campeonato

estava garantida. O jogo ia servir só para manter o entrosamento. Mas ele não podia deixar de ficar preocupado. Faltando uma semana para começar a fase decisiva do campeonato, seu principal atleta parecia estar de repente sem nenhuma concentração. Seria por acaso aquela garota do voleibol que estava perturbando Fábio? Ia precisar ter uma conversa urgente com ele.

Lucinha também sentiu que seria bom ter uma conversa com Fábio. Passeando com ele depois do treino, tentou várias vezes puxar o assunto, sem resultado. Fábio insistiu em dizer que não estava acontecendo nada, que tudo ia bem.

- Quem é aquele homem que estava conversando com você? - perguntou Lucinha.

- É só um fã que aparece de vez em quando. Ele gosta muito do Unidos e de mim.

- Só um fã? Mas você ficou tão esquisito depois de conversar com ele!

- Esquisito, Lucinha? Você me conhece há um mês e já tem a pretensão de, só de olhar para mim, dizer que eu estou alegre ou triste, normal ou esquisito?

Lucinha resolveu não pressioná-lo mais. A última coisa que ela queria era brigar com Fábio. Mas a imagem do homem de rosto sombrio não lhe saía da cabeça. Ia ficar atenta. Tinha a impressão de que Fábio precisava de ajuda e ela queria estar pronta para oferecê-la quando chegasse a hora.

Essa preocupação com Fábio, que parecia ser só dela e do técnico do time de basquete, estendeu-se a muitas outras pessoas quando, na maior surpresa da temporada, o Unidos perdeu de 98 a

82 para o Juventude, que com isso se livrou de ser rebaixado para a divisão inferior. O público e os comentaristas esportivos não tiveram dúvida em apontar a causa de tão estranho resultado. Todos atribuíram a derrota do Unidos à fraquíssima atuação de Fábio. Habitados a vê-lo fazer pelo menos trinta pontos por partida, os torcedores e os jornalistas se espantaram com o seu desempenho nesse jogo: apenas onze pontos marcados, oito lances livres desperdiçados e uma apatia que levou um

comentarista-a perguntar jocosamente, na TV, se os salários de Fábio não estavam atrasados.

Um dia depois da desastrosa partida, Lucinha estava conversando com Fábio na frente do portão principal do Unidos, quando o sinistro homem do sorriso sombrio se aproximou. Visto de perto, seu rosto era ainda mais impressionante. Sulcos quase tão fundos quanto cicatrizes marcavam-lhe a testa, semelhantes à representação de ondas nos desenhos infantis. Também havia muitas rugas embaixo dos olhos e Lucinha manteve a primeira impressão que tinha tido do homem: ele devia ter uns cinquenta anos. Mais no seu sorriso havia a maldade que só o sorriso de certas crianças de filmes de terror, possuídas pelo diabo, costuma ostentar.

Lucinha estremeceu ao vê-lo, como se uma parte dela se lembrasse de alguma tortura imposta por ele. Fábio também demonstrou que não estava à vontade. Contrariado, pediu a Lucinha que o esperasse um pouco e caminhou com o homem até a esquina. Pararam embaixo de uma árvore. Pela gesticulação, pareceu a Lucinha que dessa vez a conversa estava mais amistosa. Antes de ir embora, o homem deu uns tapinhas no ombro de Fábio. Parecia estar agradecendo alguma coisa. Lucinha o viu passar um envelope a Fábio, que chegou a ensaiar um sorriso sem jeito.

Quando voltou para o lado de Lucinha, antes que ela lhe fizesse alguma pergunta, Fábio foi logo dizendo:

- Você se lembra dele? É aquele mesmo fã do outro dia. Ele veio me entregar esta carta. Como sabe que eu não tenho muito tempo para conversar, resolveu colocar no papel tudo que ele quer me dizer. A gente não pode deixar de atender os fãs, você sabe. Logo, logo você vai ter esse problema também.

Estava tentando aparentar tranqüilidade, mas algo soava falso. Lucinha sentiu que ele continuava precisando de ajuda, mas não sabia como pedi-la. Tinha de fazer alguma coisa antes que Fábio mudasse de assunto.

- Você não vai abrir essa carta? - perguntou, apontando o bolso do blusão, onde ele a tinha posto.

- Não, agora não - ele respondeu, com a mão no bolso, como se tivesse medo de que ela tentasse apanhar a carta. - Agora eu não quero pensar em fãs. Quero aproveitar este tempinho que a gente tem para bater um papo sério com você. Estou precisando me abrir com você. Vamos tomar um sorvete lá no Gelinho?

11 • Você quer casar comigo?

Em cada carta que mandava aos pais, Lucinha ia registrando os motivos que a faziam ficar cada dia mais fascinada por São Paulo. Duas das palavras mais usadas por ela para expressar essa admiração eram fartura e variedade. Em comparação com o que ela conhecia na sua pequenina cidade de Laranjeira, o comércio da capital ainda se apresentava aos seus olhos como pura magia, embora quase um mês já se tivesse passado desde o dia em que ela, preocupada e tensa, havia desembarcado no terminal rodoviário.

Entrar num supermercado, andar pelas amplas galerias de lojas que mais pareciam cenários de sonhos e passear pelos shoppings eram seus programas favoritos nas noites em que não precisava ficar no banco do time principal, cujo campeonato havia começado. Sílvia, que também era do interior e havia chegado à capital apenas alguns dias antes de Lucinha, compartilhava seu entusiasmo pelas vitrines iluminadas que exibiam vestidos deslumbrantes, jóias raras, bolsas, cintos, abrigos, blusas, saias, tênis. Tudo tão farto, tudo tão variado que as duas não acreditariam se alguém lhes dissesse que em centenas de outras cidades elas também poderiam encontrar aquelas maravilhas todas.

Quando podiam contar com a companhia de Fábio e Luís Eduardo para esses passeios noturnos, elas se sentiam no paraíso. Luís Eduardo, que tinha vindo de um pequeno município do Espírito Santo e estava quase tão encantado quanto elas com São Paulo, gostava de imitar os gritinhos que as garotas davam quando o deslumbramento excedia certo limite. Era muito engraçado ouvir seu vozeirão soando em contraste com os tons agudos das duas:

- Nossa! Olhe ali! Que coisa linda!

Fábio, que havia nascido em Belo Horizonte e tinha ido morar em Santos com dois anos de idade, costumava brincar com os três:

- Vocês são mesmo caipiras, hem? Qualquer coisinha e vocês ficam babando. Imagino então o que vocês fariam em Santos. Lá, em cada esquina há um shopping. Você sai de um e já entra em outro. Só a avenida principal tem dezoito. E estão construindo mais quatro...

É desse bom humor de Fábio que Lucinha sente falta agora. Sentados a uma das mesas do Gelinho, eles consultam a lista de sorvetes, que ocupa quatro páginas. Se não fosse sua preocupação com Fábio, que continua representando o papel de moço tranquilo e sem problemas, ela estaria brincando como sempre faz no Gelinho.

- Não é possível! Assim não dá - diria ela. - Só sessenta e quatro tipos? Isso eu tenho na minha casa, lá em Laranjeira.

Hoje, diante da angústia que Fábio não consegue ocultar, ela escolhe um sorvete tradicional, o de chocolate, sem ânimo de procurar sabores exóticos. Ele pede um de morango. Enquanto esperam, ficam calados. Fábio parece estar longe. Lucinha sabe que, como ela, ele está pensando no homem de rosto enrugado.

- Fábio, o que está acontecendo?

- Nada. Por que você está perguntando?

-Porque você anda estranho ultimamente, meio aéreo, não sei.

- É impressão sua. Eu estou normal. Deve ser o cansaço dos treinos, só isso. E a tensão da decisão, também.

Poderia até ser isso. Lucinha sabe que dentro de três semanas começa a série decisiva de cinco jogos contra o Piratininga. Mas ela tem certeza de que não é isso

que está mexendo tanto com Fábio. Nem os treinos. Ela seria capaz de apostar que a transformação notada por todos em Fábio está relacionada com o surpreendente resultado do jogo com o Juventude. E aquele resultado ela seria capaz de apostar também que está relacionado com a visita da diabólica figura.

Circulavam rumores de que um diretor do Juventude andava se vangloriando de ter salvado o time do rebaixamento, na partida contra o Unidos, com uma manobra não muito esportiva. Como a atuação de Fábio no jogo tinha sido muito fraca, havia quem, ao falar no assunto, colocasse na conversa uma palavra desagradável: suborno.

Aos ouvidos de Lucinha também tinham chegado esses rumores e, embora se recusasse a duvidar da honestidade do namorado, a presença daquele homem vinha se tornando cada vez mais freqüente em sua cabeça e em seus pesadelos. Ela precisava descobrir que tipo de ligação havia entre ele e Fábio. Sentia que aquilo era essencial para Fábio e para o futuro que os dois sonhavam poder viver juntos.

- Fábio, você não disse que precisava ter um papo sério comigo? Eu estou esperando.

- Ah, é, eu disse, sim - concorda Fábio sem convicção, como se não se lembrasse mais do que tinha dito ou estivesse arrependido de haver chamado Lucinha para a conversa.

- O papo tem relação com aquele homem?

- Que homem?

- Assim não vai dar, Fábio. Não vai dar mesmo. Se é para desconversar, acho melhor a gente deixar o papo de lado e só tomar sorvete. Que por sinal está uma delícia.

- Você está zangada comigo?

- Quer saber mesmo? Estou. Você diz que quer conversar comigo mas foge da conversa...

- Ah, Lucinha, não é bem assim como você está falando. Puxa, mas este sorvete está muito gostoso.

- Está vendo? Está vendo? - Agora Lucinha parece mesmo furiosa. - Você fugiu do assunto outra vez. Eu vou embora.

- Calma, Lucinha, calma aí. Você não vai engrossar agora, vai? Eu respondo, eu respondo. Tudo que você quiser. Qual era mesmo a pergunta?

- Você sabe muito bem qual era. Eu não vou repetir.

- Está bom, está bom. Você quer saber se eu vim aqui com você para falar daquele fã, não é? ,

-É. Só que eu não acho que ele seja fã. Este é que é o problema.

- Lucinha, ô Lucinha, confie em mim. Se você não confiar em mim, como é que eu vou poder fazer a pergunta que eu preciso fazer a você?

- Mas, Fábio...

- Nada de mas. Eu quero saber: você confia ou não confia em mim?

Lucinha desconfia que é mais um expediente de Fábio para não falar do homem, mas é difícil dizer não, é impossível negar alguma coisa a Fábio quando ele pousa os olhos verdes sobre ela, como agora:

- Confia ou não confia?

- Confio.

- Obrigado. - Fábio toma-lhe as mãos. - Agora eu posso fazer a pergunta: se eu lhe pedir, você se casa comigo?

Lucinha fica sem voz, sem jeito e sem cor por uns dois minutos. Quando, ainda sem jeito e sem cor, recupera pelo menos a voz, é para dizer que acha aquilo uma precipitação. Gosta dele, é verdade, mas os dois se conhecem há tão pouco tempo...

- Você está assustada à toa, Lucinha. Não é para já, não. É coisa para daqui a um bom tempo.

- Para quando?

- Lá para outubro, por aí.

- Outubro? Mas outubro está logo aí, Fábio...

- Logo aí? Nós estamos em março, Lucinha! É tempo que não acaba mais... Olhe, se eu fosse você, sabe o que eu fazia? Dizia logo sim e dava um beijo no seu Fabinho...

Lucinha sorri, maravilhada. Aquele, sim, é o Fábio que ela conheceu e por quem se apaixonou: alegre, entrão, cara-de-pau. Como é que ela pode resistir àquele charme? Diz sim, sentindo que a partir dessa palavra sua vida assumirá um novo sentido, e prepara os lábios para o beijo que vem, mais gostoso do que nunca. Na sua boca, o chocolate e o morango se misturam. Ninguém faz sorvete mais saboroso do que o sorvete da Gelinho, ninguém beija melhor do que Fábio.

Depois de uma cena tão solene, Lucinha naturalmente espera que Fábio, se disser alguma coisa, diga algo bem de acordo com a seriedade do momento. Por isso, é com espanto que ela ouve:

- Ah, droga! Precisava acontecer isso?

Ela não está entendendo nada. Será que Fábio não gostou do seu beijo? Será que já se arrependeu do pedido de casamento?

-Ah, droga! - repete ele, olhando desapontado para a calça do abrigo. - Olhe só isto aqui.

O alívio de Lucinha se traduz em gargalhadas. Não há nada errado com seu jeito de beijar, nem Fábio está arrependido da proposta de casamento que fez. O seu maior problema agora é a taça de sorvete que, com uma cotovelada, ele derrubou sobre a roupa. Enquanto o morango lhe escorre pelas pernas, ele censura Lucinha:

- E você ainda ri!

- E você quer que eu faça o quê? Que eu chore? Fingindo estar furioso com ela, Fábio pergunta:

- Você sabe quem foi a culpada, não sabe? Foi você. Foi o seu beijo que me fez perder o rumo. Quem me desnor-teou foi você.

"Ninguém beija melhor do que Fábio. - pensava Lucinha.

Um casal de meia-idade, na mesa vizinha, acompanha fascinado a cena. Ela traz aos dois lembranças de uma época em que outro era o gosto de tudo: da comida, do café, do amor, da vida. Um pouco melancólicos antes de entrar na sorveteria, os dois agora sorriem. Deixam as colheres pousadas por um instante dentro das taças e, por cima da mesa, estendem a mão um para o outro. Há muito tempo não se sentiam assim. Olhos nos olhos, não vêem Fábio saindo para ir ao banheiro passar uma água na calça. Também não vêem Lucinha aproveitar a ausência dele para, rapidamente, apanhar a carta no blusão deixado na cadeira por Fábio.

12 • Um fã com nome de mãe

spantada com o que estava fazendo, Lucinha pegou o envelope. Achou esquisito que, tendo ele mesmo levado a carta, o homem do sorriso sombrio houvesse colocado nela o nome e o endereço de Fábio. Mas surpresa maior ela teve ao ver no verso, no espaço reservado ao remetente, um nome de mulher: Jacira Seixas da Silveira.

Não podia ser. Jacira Seixas da Silveira era simplesmente a mãe de Fábio! Atordoadas como se tivesse tomado uma garrafa de champanhe, ainda viu, antes de recolocar o envelope no blusão de Fábio, o endereço: rua das Avencas, 33 - Santos, SP.

Quando voltou, Fábio logo percebeu que ela estava estranha.

- O que é isso, garota? Não era para ficar assim viajando. Só porque o rapaz mais bonitão da cidade pediu a sua mão, você entra em órbita?

- É. Não é todo dia que me acontece isso - admitiu Lucinha, já pensando em uma forma de usar o assunto casamento para decifrar o mistério da carta. - Mas você está falando sério mesmo?

- Eu não ia brincar com uma coisa dessas, não é, Lucinha?

- Tudo bem. Só que eu ainda acho isso uma precipitação. Tenho certeza de que a sua mãe também vai achar. E como eu vou explicar essa pressa ao meu pai e à minha mãe?

- Pode ficar tranqüila, que pela minha mãe eu ponho a mão no fogo. Sabe por quê?

- Não.

- Só por um motivo: você já viu uma mãe negar alguma coisa a um filho único?

- A um filho único, não. Mas a uma filha única, já. O que minha mãe já me negou não está escrito.

- É porque você não tem olhos verdes...

Lucinha sentiu que, se não fosse mais incisiva, não ia conseguir nada. Precisava, sem Fábio desconfiar que ela havia mexido no bolso do seu blusão, tentar descobrir por que um envelope preenchido pela mãe dele, como se estivesse destinado a ser posto no correio, tinha ido parar nas mãos do homem do sorriso sombrio.

-Você me fala tão pouco de sua família... - queixou-se ela, procurando abrir um novo caminho para a sua investigação.

- Que família? Minha família tem duas pessoas: minha mãe e eu. Eu sou ótimo, como você sabe, e minha mãe é muito melhor do que eu. Quando vocês se conhecerem, você vai ver que eu não estou exagerando. Ela é um doce.

Apesar do esforço, Lucinha não havia acrescentado sequer uma informação às que tinha antes de começar a conversa. Sabia que o pai de Fábio tinha morrido fazia cinco anos e que depois disso dona Jacira, a mãe, havia entrado num interminável ciclo de pequenas indisposições, longas convalescenças e persistentes recaídas. Embora o médico da família garantisse que todos os seus males tinham origem na falta que sentia do marido e não deveriam ser encarados com muito temor, ela não abria mão dos serviços de sua antiga empregada, dona Teresa, apesar dos pedidos desta. Fábio tinha contado a Lucinha que dona Teresa era resmungona demais.

- Dona Teresa vive dizendo que está enjoada de morar lá em casa e gostaria de voltar para a terra dela, a Bahia, mas eu acho que, se a mamãe resolvesse mesmo dar a dispensa, ela ia fingir não ter ouvido. É só charme dela, entendeu? As duas vivem juntas há tanto tempo que nunca vão poder se desgrudar. Para mim é bom, porque eu fico tranquilo.

- Não existe mesmo mais ninguém na família? - Lucinha insiste agora, apesar de lembrar bem de tudo que Fábio lhe contou.

- Não. Só o meu tio Homero. Mas ele mora nos Estados Unidos há muitos anos.

- Ele é irmão do seu pai ou da sua mãe?

- Da minha mãe.

- E ele nunca vem ao Brasil, nem para uma visitinha?

- Nunca. Por quê?

- Por nada. Curiosidade só.

-Talvez ele venha para o nosso casamento, se a gente convidar.

Sem coragem de dizer que tinha mexido no blusão de Fábio e de pedir uma explicação direta para o enigma da carta, Lucinha mandou mentalmente o homem do sorriso sombrio para o inferno e decidiu pensar em si mesma. Era pura burrice estragar aquele momento, um dos mais gostosos da sua vida, com preocupações detetivescas.

A atitude mais sensata, pelo menos por enquanto, era não mexer mais naquilo. Tinha dito que confiava em Fábio. E continuar desconfiando, como estava, era dar o dito pelo não dito, como costumava observar seu pai, apreciador de frases feitas. Já disposta a relaxar e aproveitar, como aconselhava sempre a amiga Sílvia, amante das frases maliciosas, chamou a atendente e pediu um sorvete de dois sabores: nozes com pistache. E abriu um sorriso que era um claro convite à paz.

Satisfeito com a mudança, Fábio pediu à moça que lhe trouxesse um sorvete de milho verde, caprichado, e brincou com Lucinha:

- Mas que mulherzinha gulosa eu fui arranjar... Vou precisar conseguir um bom aumento no próximo contrato com o Unidos. Se não, o meu dinheiro não vai dar nem para a saída.

- É. E é bom ir fazendo uma poupança para quando vierem os filhos... - provocou Lucinha.

- Foi ótimo você falar nisso. Porque uma coisa precisa ficar bem clara, desde já.

- O que é?

- Eu vou querer onze. Faço questão disso.

- Onze o quê? - perguntou Lucinha.

- Filhos. Onze filhos. Não é disso que nós estamos falando?

- Onze?

- É. Onze. Cinco meninos e seis meninas.

- Não vai dizer que...

- Adivinhou. Um time de basquete e um de vôlei.

- Fábio, se você contar esse projeto ao Dedê, ao Estanislau e ao Wilsinho, eles proíbem a gente até de se falar por telefone. Homem atleta pode ter até duzentos filhos. Mulher atleta, nem pensar.

Continuaram conversando assim, bem-humorados, sobre detalhes do casamento. Combinaram que só comunicariam a decisão a dona Jacira, a seu Otacílio e a dona Clementina

quando os campeonatos de basquete e vôlei acabassem. O de Fábio ia até o fim de abril, mas depois ele iria para um torneio no Rio Grande do Sul, de 28 de maio a 5 de junho. Lucinha, também, só ia ter alguns dias de folga em junho. O time juvenil começaria a jogar no dia seguinte, 5 de março, e o principal, em que ela e Sílvia participariam como reservas, no dia 7. Esses dois campeonatos só iriam terminar na segunda quinzena de maio. A temporada estava espremida aquele ano, porque no segundo semestre tanto o basquete quanto o vôlei disputariam importantes competições internacionais.

- De junho então não escapa - disse Fábio. - Em junho eu vou com você até Laranjeira para tourear seu pai e sua mãe. Depois a gente dá um pulinho até Santos para falar com a mamãe. Está certo?

Com outro beijo, mais longo do que o primeiro, Lucinha disse que sim. Na mesa vizinha, o casal de meia-idade, que tinha pedido mais dois sorvetes, ficou por um momento com as colheres suspensas entre as taças e os lábios.

- Belos moços - murmurou a mulher, com admiração.

- Belos moços - concordou o homem.

13 • Mãe, sua filha é um sucesso

No fim de março, dona Clementina recebeu esta carta de Lucinha:

Mamãe,

Faz muito tempo que não escrevo, eu sei, mas é que tem acontecido tanta coisa! Já estou vendo a sua cara e até estou ouvindo o seu resmungo: Se está acontecendo tanta coisa, aí é que você devia escrever, menina. Ou pelo menos telefonar, não é?'. Mas aí sou eu que resmungo: e cadê tempo?

Mamãe, tudo aqui está uma loucura total. Segunda-feira nós ganhamos de 3 a 0 (16/14,15/11 e 15/8) do juvenil do Tupiniquins, que é muito forte. Antes do jogo, todos diziam que a gente não ia ganhar delas de jeito nenhum.

Elas têm uma cavalona de um e oitenta e nove, a Mirtes, da seleção brasileira juvenil, que bate na bola como um animal. No início ela fez uns cinco pontos seguidos.

Aí o Wilsinho pediu tempo e me passou uma instrução: eu devia retardar um pouco a minha subida na hora de bloquear, porque a Mirtes estava esperando a minha descida para meter o braço por cima.

Comecei a fazer o que o Wilsinho tinha mandado e não deu outra: bloqueei, bloqueei e bloqueei. Na primeira vez a Mirtes sorriu, como se aquilo tivesse sido sorte minha. Na segunda ela mudou de cor. Na terceira ela não agüentou: depois do bloqueio, a bola caiu no pé dela e ela, pimba, deu um bico. Parecia que estava jogando futebol. O juiz ficou uma fera: mostrou cartão amarelo para ela. Depois disso, ela não acertou mais a mão. Estava tão nervosa que o técnico, no fim do primeiro set, pôs outra menina no lugar dela. Mas eu engoli essa também. Ganhamos o primeiro set no maior sufoco, mas o segundo e o terceiro foram mais fáceis. A Mirtes voltou, mas não deu para ela.

No fim, a nossa torcida, que já tinha me aplaudido o jogo todo, exagerou. Sabe o que ela gritou, mamãe? Você vai pensar que é mentira. Eu tenho até vergonha de falar. Mas, assim que a partida acabou, a torcida começou a agitar aquelas bandeirinhas lindas do Unidos e a gritar: >

- Dá-lhe Lucinha, dá-lhe Lucinha! Olê, olê, olá!

Imagine só a cena, mãe: eu ali sem jeito, não sabendo se ria, se chorava, se levantava a mão para agradecer, e ainda me aparece no meio da quadra o pessoal da TV, que estava gravando o jogo, e me mete aquela luzona na cara! O repórter me fez duas perguntas e, quando a entrevista acabou, eu fiquei pensando: o que será que eu falei para ele, meu Deus, que eu não lembro nada? Ontem passaram o teipe e eu sosseguei: gaguejei um pouco, mas até que me expliquei. Quando você e o pai vierem me visitar de novo, eu mostro a fita para vocês.

O Wilsinho me aconselhou a tomar cuidado para não ficar mascarada, porque isso é a maior praga que pode acontecer a uma jogadora. Ele me disse que conheceu muitas meninas que começaram bem mas logo acharam que eram o máximo e nunca mais jogaram nada.

Se ser mascarada é sentir este orgulho que eu estou sentindo, eu sou mascaradona, mãe. Tão mascaradona que eu falei, falei e falei de mim e não falei da Sílvia. Ela também arrasou. Nós estamos com um entrosamento genial. Ela prepara as jogadas e eu mato o ponto. Já andam dizendo que eu sou a melhor atacante e ela é a melhor levantadora do campeonato.

Eu tenho aprendido demais com a turma do principal, especialmente com a Maria Esmeralda. Ela estava na Itália e voltou só para jogar no Unidos, convidada pelo Dedê. O que ela sabe cortar não é brincadeira. Falam muito da Renata Explosão, aquela metidona do Quente-e-Bom, mas eu vou pagar para ver. Na hora da decisão mesmo, eu quero ver se a Renata tem jogo para a Maria Esmeralda.

A Sílvia também está aprendendo muito com a Ana Lígia. Para ela não poderia haver melhor professora. Às vezes eu sinto até inveja dela. Gostaria de não ter crescido tanto, de não ser atacante, de ser baixinha como a Sílvia só para poder ser aluna da Ana Lígia. Eu acho a Maria Esmeralda ótima, mas a Ana Lígia você sabe que, para mim, não tem igual. Eu penso até que, se estou hoje no vôlei, é por causa dela.

Você já deve estar enjoada de tanto ouvir falar de voleibol, mas eu ainda preciso contar o que aconteceu na partida de ontem, do principal. Eu e a Sílvia estávamos lá, curtindo o banco de reservas, vendo tudo numa boa, de boca aberta com as jogadas da Maria Esmeralda e da Ana Lígia, quando de repente o Dedê mandou que nós duas fôssemos para o aquecimento. A Sílvia eu achei que não se alterou, mas eu tremi na base. O jogo estava fácil, é verdade, mas eu, que não via a hora de entrar numa partida do principal, naquele momento achei que a oportunidade estava chegando cedo demais...

Para não ficar mais amolando a sua paciência com detalhes de voleibol, só vou dizer o seguinte: pode ficar sossegada, que sua filhinha aqui foi um sucesso. Eu e a Sílvia estamos fazendo uma dupla cada vez melhor. Quando nos fez entrar na quadra, o Dedê disse o seguinte:

- Eu não quero que vocês façam nada de extraordinário. Só quero que vocês joguem como jogam no juvenil.

Foi o que nós fizemos: fingimos que era só mais uma partida do juvenil. E deu certo. Jogamos dez minutos e arrasamos. Você precisava ver a cara de satisfação do Dedê e do Estanislau. E a do Wilsinho, então! Depois do jogo ele começou a abraçar todo mundo e a perguntar:

- Vocês viram só as minhas crias? Demais, não é? Demais.

Bom, agora acho que já chega de vôlei, não é? Você tem que ver como está ficando chique o nosso apartamento. Além do vídeo, nós compramos uma mesinha para a sala, como você sugeriu quando visitou a gente, e pusemos uma sapateira em cada quarto. Quando você vier para uma nova visita, não vai mais tropeçar naquela sapatalhada

toda... A Sílvia não entende nada de cozinha mas tem muito bom gosto para decoração. Ela comprou uns quadrinhos legais e deu uma bela ajeitada em tudo. Puxou uma poltrona para cá, empurrou a outra para lá, e a arrumação ficou simpática. Você vai ver.

Antes que o papai fique com ciúme e reclame, pode avisar que amanhã vou escrever uma carta para ele também. E já pode ir dizendo que vai ser tão grande quanto esta, para ele não chorar.

Você sabe que as meninas do CAVB me mandaram um cartão muito bonito? Todas elas assinaram, me desejando mil felicidades e dando parabéns pelo meu sucesso. Eu fiquei arrepiada quando recebi. A Patrícia também me mandou uma cartinha muito bacana, dizendo que qualquer dia vem aqui me ver jogar. Eu já pus o apartamento à disposição dela.

Outro que me mandou palavras de incentivo foi o seu José Florêncio. Ele disse que um dia eu ainda vou ser recebida com banda de música aí em Laranjeira e me contou que, com o meu sucesso, está sendo muito mais fácil para ele treinar o time do colégio. Parece que as meninas agora finalmente estão achando o vôlei uma coisa séria. Ele me garantiu que até a Belinha, aquela apática, está indo para a bola como uma fera. Fiquei muito feliz ao saber que o papai agora acha o seu José Florêncio a maior autoridade em voleibol e que os dois vivem conversando sobre a minha carreira.

No recorte que aí vai, você pode ver na foto, tirada em um treino, a sua filhinha famosa batendo bola com a Ana Lígia. No fundo, com um pouco de boa vontade dá para ver a Sílvia. A foto está meio apagada, mas a carinha de boneca é inconfundível, não é? Se quiser, pode mostrar para o seu José Florêncio. Pensando bem, é melhor não mostrar, não. Se essa foto cair na mão dele, o mínimo que ele vai querer é fazer uma estátua para mim na pracinha...

Eu tinha prometido não falar mais de vôlei e não parei de falar de vôlei. E o pior é que eu vou continuar falando de jogo. Só que agora vai ser de basquete. O Fábio anda com a bola toda. Todo dia, no treino, vai pelo menos um repórter fazer entrevista com ele. O time está indo muito bem na fase final e o Fábio tem sido o grande

destaque.

O dr. Célio, que foi presidente do Unidos até o ano passado e substituiu o vôlei pelo basquete, fazendo estourar aquela briga que eu já contei mil vezes para a senhora, é agora o diretor do Departamento de Basquetebol. É um homem muito legal. O pessoal do vôlei ainda tem bronca dele, mas alguns até já dizem que foi bom ter acontecido o que aconteceu. Depois de dois anos parado, o vôlei voltou com tudo e pode ser campeão, como sempre foi. E o basquete, que no primeiro ano foi um vexame, este ano está forte e pode também ser campeão. Para você ter idéia, o Dedê e o Estanislau, que nem podiam ouvir falar em basquetebol, já estão indo ver uns jogos e, quando acham que ninguém está observando, até aplaudem as cestas do time. E o dr. Célio, que detestava o vôlei, tem sido visto nos jogos do principal e também nos nossos jogos. Alguns gaiatos andam até dizendo que isso acaba em casamento...

Mas eu estava falando do dr. Célio. Ele está tão entusiasmado com o Fábio que, antes de acabar a temporada, já falou em marcar um encontro para tratar da renovação do contrato. Ele ouviu dizer que outros times se interessam pelo Fábio e está com medo.

Torça para o Fábio continuar arrebentando nos finais do campeonato e para ele acertar um bom contrato para a próxima temporada. Além de merecer, ele é o meu namorado (mais namorado do que nunca).

Por falar em Fábio, ele manda um grande abraço para a senhora e para o papai. A Sílvia também.

Até.

Lu

P.S.1 - Sei que o seu aniversário é só na semana que vem, mas já lhe dou os parabéns agora. Com tantas coisas na cabeça, acho melhor assim. Antes cedo do que nunca...

P.S.2 - Se puder, mande na próxima carta aquela receita de brigadeiro. Fiz tanta propaganda dele que a Sílvia não pára de me cobrar. Como é gulosa esta menina!

P.S.3 - Em junho parece que vou ter mesmo uns dias de folga. Pode ir preparando a minha caminha aí.

P.S.4 - Como é que anda a reforma por aí? Quero ver tudo bonito, quando chegar.

14 • O melhor campeonato de basquete

finalmente, naquela temporada, os torcedores e os cronistas esportivos, sempre inconciliáveis em suas opiniões, concordavam num ponto: aquele era o mais empolgante campeonato de basquetebol dos últimos dez anos. Dezesseis clubes, todos com patrocínio alto e reforçados por um ou dois jogadores estrangeiros, tinham disputado oito vagas para a fase semifinal. Depois, os oito classificados foram divididos em dois grupos de quatro. No grupo A, o vencedor foi o Unidos. No B, o Piratininga, time tradicional, sete vezes campeão paulista. O título seria decidido pelos dois em cinco partidas. Aquele que chegasse primeiro a três vitórias seria o campeão.

Nas duas partidas iniciais, jogadas no ginásio do Piratininga, o Unidos havia perdido por dois pontos (99 a 97 e 103 a 101), apesar da extraordinária atuação de Fábio, que tinha feito 36 pontos no primeiro jogo e 40 no segundo. Nos dois jogos seguintes, no seu ginásio, o Unidos tinha conseguido vencer por um ponto (91 a 90 e 96 a 95), contando para isso com a mão santa de Fábio (40 e 42 pontos). Como sua campanha em todo o campeonato havia sido um pouco superior à do Unidos, com um melhor saldo de cestas, o Piratininga tinha o direito de disputar a partida final em seu ginásio.

Três dias antes do jogo, marcado para uma segunda-feira para facilitar a transmissão pela TV, os seis mil ingressos já estavam esgotados. A imprensa dava ao basquete um espaço que ele não conseguia fazer muito tempo.

Numa tática de despistamento, os técnicos dos dois times procuravam fazer os treinos nos horários mais disparatados, fugindo dos jornalistas e dos espiões. A cidade vivia o clima nervoso da decisão. Em toda parte se faziam comentários, prognósticos, desafios, apostas. Os programas esportivos da TV tomavam diariamente um pouco do tempo antes reservado ao futebol para falar do grande jogo. Do time do Unidos, o mais requisitado era Fábio. Ele foi até a atração de um programa vespertino de variedades na TV, dedicado às mulheres. Precisou dizer à apresentadora qual era seu prato predileto (nhoque), seu hobby (música), seu conjunto de rock (Guns N'Roses), sua bebida (guaraná). Hesitou ao revelar sua cor preferida. Respondeu verde, no reflexo, depois acrescentou sorrindo o branco e o vermelho, cores do Unidos. Corou um pouco, logo ele, tão desinibido, quando a apresentadora lhe perguntou se tinha namorada.

- Tenho sim - admitiu, provocando um murmúrio de decepção entre as mulheres do auditório.

- Qual é o nome dela?

- É Lúcia. Lucinha.

- Moça de sorte essa Lucinha - brincou a apresentadora, arrancando risos da platéia. - Lucinha, você está convidada a vir a este programa explicar às telespectadoras como se faz para arranjar um gato como este.

Lucinha e Sílvia, embora empenhadas nos treinos e nos jogos, acompanhavam com excitação crescente os preparativos para a decisão do basquete. À medida que se aproximava a segunda-feira, percebiam em Fábio e em Luís Eduardo as alterações de comportamento causadas pela lenta chegada do grande dia. Eram mudanças que não escapariam a ninguém, muito menos aos olhos de duas sensíveis namoradas.

Sílvia estava achando Luís Eduardo aéreo, estranho, abobalhado. Às vezes, desligava-se no meio de um diálogo, não ria quando se esperava que risse e dali a pouco,

quando a conversa tinha tomado um rumo sério, ele começava a gargalhar, como se a sua sintonia estivesse um minuto atrasada.

Fábio também andava tão concentrado no jogo e alheio ao resto que no sábado, antevéspera da decisão, Lucinha, ao lhe perguntar se ele sabia qual filme estava passando num dos cinemas do shopping, recebeu esta desnorteante resposta:

- Eu acho melhor o time fazer marcação individual sobre os dois arremessadores deles.

Naquele sábado mesmo, depois de irem ao cinema, foram ao Unidos, onde Fábio ia ter um treino físico. Quando chegaram ao portão do clube, Lucinha viu, com pavor, aproximar-se deles a última pessoa que ela gostaria de encontrar naquele dia ou em qualquer outro. Assim que notou o homem do sorriso sombrio, Fábio pediu a Lucinha que entrasse e o esperasse no ginásio.

Depois de passar a roleta, Lucinha olhou para trás e viu Fábio, com o rosto alterado pela preocupação, falar e gesticular com a sinistra criatura. As lembranças do triste jogo em que o time de basquete do Unidos tinha sido derrotado pelo Juventude, na maior surpresa do campeonato, a acompanharam no íngreme e longo caminho para o ginásio. Os rumores de que alguém havia sido subornado naquela partida a sufocavam de novo. Chegou à quadra com uma expressão tão aflita que Sílvia e Luís Eduardo, quando a viram, logo

perguntaram:

- O que foi? Aconteceu alguma coisa? Você está pálida.

Fingiu do melhor jeito que pôde, garantiu que não era nada, só uma dorzinha de cabeça, e ficou esperando que Fábio, quando chegasse, abrisse enfim o coração e contasse tudo a ela.

Quando Fábio chegou e, apesar do rosto transtornado, lhe disse que o homem só tinha ido ali lhe desejar boa sorte e pedir que ele se empenhasse ao máximo para ganhar

o título, ela resolveu que antes do jogo decisivo, fossem quais fossem as dificuldades, iria fazer uma visita à casa da rua das Avencas, 33, em Santos.

Pressentia que Fábio precisava mais do que nunca de ajuda e achava que só a mãe dele poderia dar pelo menos uma pista para o esclarecimento do mistério do sombrio personagem que parecia existir apenas para atormentá-lo.

Depois dos exercícios físicos, o técnico Pimentinha resolveu fazer um rápido treino de arremessos de média e longa distância. Mandou também que cada jogador cobrasse vinte lances livres e ficou anotando o aproveitamento em sua prancheta. O péssimo desempenho de Fábio e o ar de extrema preocupação do técnico, que não parava de balançar a cabeça e de olhar desanimadamente para o seu auxiliar, serviram para reforçar a convicção de Lucinha: antes de segunda, precisava ir a Santos, de qualquer maneira.

15 • Um mau ator, uma péssima atriz

No domingo à tarde, Fábio conseguiu autorização do técnico Pimentinha para sair um pouco do hotel em que a equipe estava concentrada e foi passear com Lucinha no Parque do Ibirapuera. Deram três voltas pela pista de Cooper, andaram em torno do lago, comeram pipoca, tomaram sorvete de palito. Depois entraram no planetário, que nenhum deles conhecia ainda. Lucinha lembrou-se da noite em que, em Laranjeira, havia olhado para cima e visto, no céu embaçado, a estrela à qual tinha dito que um dia brilharia tanto quanto ela. Sorriu de sua pretensão e recordou as palavras que Wilsinho sempre lhe repetia:

- Cuidado com a máscara, menina. O pior inimigo de uma atleta não é o time adversário. É a máscara.

Durante o passeio todo, Fábio tentou representar o papel de rapaz tranqüilo e sem problemas. Sorria para Lucinha, para o sol, para as árvores, para os passarinhos, para as crianças, para os patos do lago. Mas, apesar do seu esforço, ele não passaria em nenhum teste para a escola de arte dramática. Até Lucinha, que não entendia

nada de teatro, precisou conter-se para não desmascará-lo. A vontade que tinha era dar-lhe uns beliscões e ordenar que acabasse de uma vez com aquela farsa.

Como sabia que não adiantava fazer perguntas a ele sobre o sinistro personagem, resolveu assumir também o seu papel na peça: o da mocinha despreocupada que confiava cegamente no namorado, embora a mentira estivesse tão pregada no rosto dele quanto os olhos, o nariz e a boca. Distante, pensando só na viagem que faria no dia seguinte, ela adotou a mesma técnica de Fábio para fingir que estava mesmo ali, passeando com ele pelo parque: pôs-se também a sorrir para tudo e para todos.

O diálogo do mau ator e da péssima atriz, que Shakespeare e Brecht certamente não assinariam, foi mais ou menos assim:

- A pipoca está salgada, não é?

- Está, sim. Muito.

- Que calor!

- É. Está demais.

- Vai bem um sorvete, você não acha?

- Vai.

- Limão ou chocolate?

- Chocolate.

- Ainda bem que está geladinho, não é?

- É. Refresca.

- Esses patos fazem uma algazarra, hem?

- É!

- Então tchau. "

- Tchau.

- Você liga?

- Ligo.

Quando Fábio voltou para o hotel, ela, pela primeira vez desde que o conhecia, sentiu alívio ao vê-lo se afastar. Tinha prometido ajudar Sílvia a fazer um trabalho para a escola, mas procurou retardar o passo. Precisava de tempo para armar o esquema do dia seguinte.

Seu problema era arranjar uma boa desculpa para sair mais cedo do treino da tarde. Se conseguisse escapar às três e pegar o ônibus no máximo até as três e meia, desceria em Santos às cinco. Na rodoviária, pegaria um táxi para a rua das Avencas. Se perdesse meia hora no trajeto, estaria na casa da mãe de Fábio às cinco e meia. Com uma hora de conversa esperava resolver o enigma do homem do sorriso sombrio. Apanhando um táxi às seis e meia, chegaria à rodoviária às sete e estaria de volta a São Paulo às oito e meia. Outro táxi a deixaria no ginásio do Piratininga a tempo de ver o jogo.

Para que Sílvia não se preocupasse e fosse sua aliada em caso de necessidade, contou-lhe que ia a Santos, mas não lhe disse por que, apesar da insistência da amiga. Depois de ajudar Sílvia a fazer

o trabalho, ficou imaginando com ela qual desculpa seria boa o suficiente para convencer Wilsinho. Analisaram dezenas de hipóteses e chegaram à conclusão de que o ideal mesmo era tentar enganar o rigoroso técnico com o velho truque da doença.

Lucinha tentaria fazer a melhor cara de doente que conseguisse e Sílvia correria espalhafatosamente para socorrê-la, dizendo bem alto, para todos e para Wilsinho ouvirem:

- Lucinha, você está de novo com aquela terrível dor de cabeça de ontem à noite?

Ela responderia que não, que estava bem, mas Sílvia insistiria, dessa vez olhando diretamente para Wilsinho:

- Ela não está nada bem. Não vinha nem treinar. Não sei nem como ela agüentou o treino da manhã.

Passaram e repassaram a cena, procurando não esquecer sequer uma palavra dos diálogos. Quando se deitaram, Lucinha recomendou pela trigésima vez:

- Pelo menos até a hora de eu voltar, você está proibida de contar isso ao Fábio, ao Luís Eduardo, a qualquer pessoa deste ou do outro mundo. Entendeu? Jure.

Sílvia jurou pela trigésima vez. Mas Lucinha achou prudente insistir:

- Você está proibida, entendeu? Proibida.

Quando pela trigésima primeira vez pediu a Sílvia que jurasse, não recebeu resposta. Zangada, foi ao quarto da amiga para lhe dizer que não confiava nela. Voltou sorrindo e abanando a cabeça. Sílvia estava dormindo.

16. Outra cena desastrada

O treino estava puxado, como sempre. Faltava ainda uma hora para terminar e as garotas, cansadas, olhavam para Wilsinho como se estivessem pedindo clemência. Sílvia, com o pulmão

quase saindo pela boca, também olhava para o técnico, mas olhava principalmente para Lucinha. Começava a ficar aflita. Será que sua amiga tinha desistido do plano?

Se não tivesse, já era mais do que hora de rolar pela quadra, de gemer, de estrebuchar.

Finalmente, depois de dar uma cortada, Lucinha se abaixou e, com as mãos na altura do estômago, reclamou:

- Ai, que dor.

Sílvia pegou a deixa. Correu para ela e perguntou:

- Lucinha, você está de novo com aquela horrível dor de cabeça de ontem à noite?

Acabou de dizer isso e percebeu que o teatrinho começava mal. Wilsinho não ia entrar naquela de jeito nenhum. Então Lucinha punha as mãos no estômago e ela perguntava se a amiga estava com dor de cabeça? Era um fiasco, sem dúvida, mas a culpa não era dela. Era de Lucinha. Ela é que havia mudado o script, sem aviso.

Apesar da falha inicial, as duas levaram o teatrinho até o fim. Depois, ficaram esperando o resultado. Era a hora de saber se Wilsinho as aprovava ou não. Ele olhou para Sílvia, depois para Lucinha e disse:

- Garota, se você, que gosta tanto de treinar, pede dispensa, é porque deve ter um motivo muito sério. Pode ir. Cuide bem da cabeça.

Lucinha agradeceu e, quando já estava quase fora da quadra, teve uma idéia melhor do seu desempenho teatral. Wilsinho gritou para ela:

- E cuide do estômago também, tá?

Se a encenação não tinha sido boa, o resto do plano correu muito bem. Ela chegou à rua das Avencas, 33, às cinco e vinte, dez minutos antes do previsto. A casa era antiga, mas pelo menos por fora parecia muito bem conservada. Com o coração batendo como um tambor, ela tocou a campainha. Imediatamente percebeu que a cortina se mexia e, um minuto depois, uma mulher magra, de cabelos grisalhos, apareceu à porta.

- O que é, minha filha?

Aquela devia ser a empregada de dona Jacira, pensou Lucinha. Como era mesmo o nome dela? No ônibus tinha se lembrado e, agora, o nome lhe fugia. Ah, sim, era Teresa. Isso. Teresa.

- Dona Jacira está?

- Jacira sou eu. Quer falar comigo?

- Dona Jacira, eu vim de São Paulo. Meu nome é Lucinha e...

- Lucinha? A namorada do Fabinho?

- É. Sou eu, sim.

Dona Jacira abriu o portão e mandou Lucinha entrar. Estava preocupada.

- Aconteceu alguma coisa com o Fabinho?

- Não, não. Pode ficar tranqüila. Ele está ótimo.

- Ai, que bom. Hoje ele precisa jogar como nunca, não é? Entre, minha filha.

17 • Dona Jacira abre o jogo

Já na sala, dona Jacira ofereceu a poltrona a Lucinha.

- Sente-se. Fique à vontade, minha filha.

Os móveis, como a casa, eram antigos mas conservadíssimos. Numa moldura oval, na parede, dona Jacira, muitos anos mais jovem e vestida de noiva, dava o braço a um homem garboso e bonito, com sobrancelhas espessas, bigode e cavanhaque.

Notando o interesse de Lucinha, dona Jacira disse:

- Eu não era feia, não é? E o meu marido era um belo homem, hem? Ele morreu, você sabe, o coitadinho.

Sobre a estante havia outras fotos. Dona Jacira começou a mostrá-las.

- Esta sou eu, com a minha mãe. Eu devia ter uns dez anos. Aqui sou eu com a minha irmã, a Jussara. Ela era dois anos mais velha. Também já morreu, a pobrezinha.

Esta é mais recente, foi tirada há uns quatro anos. Sou eu de novo, com a Jussara e o meu... O que foi, Lucinha? Está sentindo alguma coisa?

Lucinha estava, sim. De olhos arregalados, ela olhava a foto em que ao lado de Jacira e Jussara, já velhucas, encarando a câmera com um sorriso sombrio, estava o homem que tinha motivado a sua ida a Santos.

- Quem é esse, dona Jacira? - disse com voz trêmula.

- Esse é o meu irmão Homero.

- Seu irmão? f

- É. A ovelha negra da família. Sabe o que é ovelha negra? É um mau elemento, como se diz hoje. Desde menino, sempre deu desgostos à mamãe e ao papai. Não ia à escola, fumava, bebia, ia jogar bilhar com os mais velhos. Depois que o papai e a mamãe morreram, ele piorou. Foi se metendo em confusões, uma atrás da outra, até que, quatro anos atrás, foi preso e condenado por contrabando. Vivia ameaçando se matar, para fazer chantagem com a gente. Eu e o Fabinho sofremos muito, mas o Homero, coitado, também sofreu. Você imaginou? Três anos de cadeia...

Lucinha não sabia o que dizer. Estava com pena da mulher, que apesar de tudo falava do irmão delinqüente com carinho.

- Sabe por que eu estou contando tudo isso a você? - perguntou dona Jacira.

Lucinha não respondeu. Dona Jacira abriu um sorriso para ela.

- Porque, se você vai fazer parte da família, como o Fabinho anda sugerindo, é bom já ir sabendo de tudo. O Homero é uma pedra no nosso sapato. E que pedra!

- Mas agora ele já está solto, não é?

- Ah, você já viu o infeliz lá por São Paulo, não é? Eu recomendei tanto a ele que não fosse incomodar o Fabinho, mas o

Homero continua cabeça-dura. O Fabinho, quando era menino, tinha verdadeiro pavor dele. Você sabe o que ele dizia enquanto o Homero esteve preso? Que ele estava nos Estados Unidos... E a Teresa, uma empregada que ficou muitos anos comigo, também nunca foi com a cara dele. Quando ele saiu da cadeia, há três meses, e disse que ia morar aqui comigo enquanto não arranjasse alguma coisa para fazer, a Teresa ameaçou ir embora. E acabou indo mesmo. Voltou para a Bahia, a terra dela. E me deixou aqui, com as minhas doenças. Deus que me perdoe, mas eu tenho mais doenças do que mereço.

- A senhora não parece estar mal.

-Não, risco de vida eu acho que não corro. Mas me doem as juntas, a minha coluna também vai mal, as pernas me pesam e para andar é um sacrifício.

- Mas hoje a senhora está...

- Hoje até que você me pegou andando mais ou menos. É que eu acabei de tomar os meus remédios. Eu assim, desse jeito, e Homero me espanta a Teresa. Isso foi terrível para mim. Desde que ela foi embora, estou procurando outra senhora para ficar comigo e não encontro. Mas me diga uma coisa: o Homero tem ido perturbar muito o Fabinho? Pode falar sem problemas.

- Bom, ele...

- Pode falar. Eu sei que ele foi uma vez pedir dinheiro e o Fabinho emprestou. Quando eu passei um sermão no Homero, ele disse que estava esperando estourar um negócio muito bom e que logo ia poder pagar o empréstimo. Uns dias depois, ele apareceu meio bêbado, com um monte de notas no bolso. Achei que só podia ser dinheiro de jogatina, ou de outra bandalheira qualquer.

Lucinha já estava começando a se arrepender de ter duvidado de Fábio. No rumo em que ia, a história parecia bem diferente da que ela havia imaginado. Aquilo que ela julgava ser uma atitude suspeita de Fábio quando conversava com o homem do sorriso sombrio era só vergonha de alguém descobrir que aquele era o seu tio.

- Naquele dia - continuou dona Jacira -, eu disse a ele que fosse a São Paulo pagar a dívida com o Fabinho, antes que o dinheiro todo fosse gasto em bebedeiras. Ele resmungou, mas acabou indo. Lembro até que aproveitei e mandei por ele uma carta que eu tinha escrito para o Fabinho na véspera. Assim ela chegava mais rápido do que pelo correio. Na carta eu recomendava ao Fabinho que não emprestasse mais dinheiro ao Homero.

O alívio de Lucinha era tão grande que ela teve vontade de abraçar e beijar a mãe de Fábio. O mistério da carta estava resolvido. Faltava descobrir por que, depois de pagar o empréstimo, o tio Homero havia voltado a procurar Fábio. Dona Jacira devia saber o motivo.

- A senhora sabe que anteontem ele estava lá de novo?

- Sei. Eu implorei ao Homero que não fosse, mas ele foi. Disse que o dinheiro tinha acabado e que, se o Fabinho não lhe fizesse outro empréstimo, ele ia se jogar embaixo de um carro. Eu disse então: Homero, o Fabinho tem um jogo decisivo na segunda-feira e você vai lá tirar a tranquilidade dele? Não vá, pelo amor de Deus. Mas ele foi. Voltou furioso, porque o Fabinho me obedeceu e não lhe deu um centavo. Ontem o Homero ficou sumido o dia inteiro. Voltou à noite com uma maçaroca de dinheiro e com um amigo que me garantiu que Homero vai ser sócio dele num bar. O amigo entra com o dinheiro, e o Homero, que de bar entende, entra com o trabalho

e a experiência. O dinheiro, os dois me disseram, era um adiantamento para o Homero esfriar a cabeça.

- Que bom, não é, dona Jacira?

- Bom? É ótimo. Estou dando graças a Deus. Hoje, logo cedo, eu intimei o Homero a ir a São Paulo, para contar tudo e tranquilizar o Fabinho. Ele disse que ia telefonar, mas eu não sosseguei enquanto ele não prometeu ir. Eu disse: para pedir dinheiro e falar bobagem, você foi, não é? Pois então vá agora também, consertar as suas burradas. Antes de vir para cá, você não viu o Homero?

- Não.

- Mas ele foi. Assim o Fabinho não pensa nesse problema e pode fazer um jogo melhor. Você vai assistir?

- Vou, sim. Mas, se eu quiser chegar na hora, preciso sair já. Eu vim porque o Fábio andou mesmo preocupado, acho que com essas histórias do tio Homero, e eu pensava que a senhora podia saber alguma coisa sobre isso.

- É, o Fabinho ficou preocupado com isso, sim. Mas ele andou mais chateado foi com o joelho e com um outro problema.

- O joelho?! - espantou-se Lucinha.

- É. Estou vendo que para você é surpresa. Eu não devia ter dito isso, porque ele me pediu para não contar a ninguém. Mas agora eu já contei.

Lucinha suspirou. Parecia que as revelações não iam parar.

- Eu não sabia de nada.

- O joelho dele de vez em quando está doendo. Começou numa partida que era fácil, não sei o nome do outro time, e nesse dia o Fabinho jogou muito mal e o Unidos

perdeu.

- Foi contra o Juventude.

- Isso. O Unidos perdeu e parece que andaram falando mal do Fabinho.

- É. Isso acontece. A senhora sabe como é a torcida. Só quer ganhar.

- Eu sei. Eu pedi ao Fabinho que ele contasse ao técnico e aos diretores mas ele disse que iam achar que era só uma desculpa esfarrapada dele. E ele ficou com medo também de quererem mexer no joelho e complicarem a coisa. Ele disse que era melhor esperar acabar o campeonato para tratar disso.

- É. Talvez tenha sido melhor mesmo. Mas e o outro problema? A senhora falou em outro.

- Esse eu acho que é o pior. Uns dias depois daquele jogo em que o Fabinho jogou mal e o Unidos perdeu, um sujeito começou a perturbar a vida dele. Ligou dizendo que sabia que ele tinha sido subornado para perder aquele jogo e ameaçou contar tudo à imprensa. Ele não pára de perturbar o Fabinho. Lucinha fez uma careta de indignação.

- Mas que miserável! Como pode existir gente assim? Quase não dá para acreditar.

- Mas existe, minha filha.

Lucinha estava atordoada. Tinha recebido tantas informações em tão pouco tempo!

- Mas o que esse sujeito quer? - perguntou.

- Ele disse que, se o Unidos ganhar o campeonato do Piratininga, ele vai bater a boca no mundo e acabar com a carreira do Fabinho. Sabe como é. Mesmo não havendo

provas, todo mundo sempre acha que onde há fumaça, há fogo.

-Meu Deus, como deve estar a cabeça do Fábio! E eu achando que era por causa do problema do tio Homero.

- Não. Isso é um probleminha perto desse outro. O que o Fabinho está achando mais estranho é que o tal sujeito conhece coisas a respeito dele que só um parente poderia saber. Ele até perguntou ao Homero se ele por acaso não andou falando demais por aí. Sabe como são os bêbados. Mas o Homero jurou que não.

- E o Fábio já viu esse sujeito? -Não. Ele só ataca pelo telefone.

- Meu Deus! Deve ser um louco. Mas acho que só está querendo tirar a concentração do Fábio. Deve ser um torcedor fanático do Piratininga - disse Lucinha, antes de consultar o relógio. - Nossa, como é tarde! Eu preciso sair já. Se não, adeus jogo. Tchau!

- Até logo, minha filha. Venha me visitar outras vezes. Eu vou ver o jogo pela TV.

Enquanto caminhava para a avenida, para pegar um táxi, Lucinha ia olhando para trás e retribuindo os tchauzinhos que dona

Jacira lhe fazia. É simpática essa sogrinha, pensou, dobrando a esquina.

Logo apareceu um táxi. Ela entrou, fechou a porta e, quando o carro arrancou, olhou para o lado da praia, sentindo a frustração de estar ali e não poder dar nem um mergulho.

18 • Cestas, emoção, socos e pontapés

Enquanto o ônibus subia a serra mergulhada na neblina, Lucinha lembrava a conversa com dona Jacira e não sabia se ficava zangada com Fábio por ele lhe esconder tantas coisas ou se lhe agradecia por escondê-las. No início pensou em condená-lo. Depois, analisando melhor tudo, resolveu dar-lhe o perdão. Como atleta, ele sabia muito bem que contar tudo a ela seria como colocá-la na mesma situação e na mesma angústia em que ele estava. Mas pelo menos sobre o tio Homero ele poderia ter aberto

o coração. Não precisava ter tanta vergonha daquilo.

Rezando para que o joelho dele não falhasse bem na hora decisiva e para que o homem dos telefonemas fosse só um blefador, ela olhou o relógio: sete e meia. Faltava uma hora e meia para o jogo.

Depois do trecho da serra, em que a neblina tinha feito baixar a velocidade, o ônibus voltou a rodar entre cem e cento e vinte quilômetros por hora. Com isso, Lucinha esqueceu um pouco a tensão e cochilou. Acordou quando, depois de um solavanco, o ônibus deslizou lentamente para o acostamento. O que podia ser aquilo?

- É o pneu, pessoal - avisou o motorista. - Calma aí, que eu troco num instante.

O que o homem definiu como instante correspondeu, pelo relógio da inquieta Lucinha, a vinte minutos. "Meu Deus, os ônibus parecem estar sempre contra mim", pensou ela, angustiada.

Mesmo que logo ao desembarcar no terminal rodoviário ela conseguisse um táxi, chegaria já com o jogo começado.

Assim que desceu do ônibus e pegou o táxi, sentiu que o atraso ia passar de meia hora. O motorista, um senhor empertigado e bem-falante, talvez até quisesse atender os seus apelos para que se apressasse um pouco. O problema parecia ser o carro, que tossia mais forte e mais aflitivamente do que o dono.

Ao chegar à porta do ginásio, Lucinha estranhou o silêncio. Seis mil pessoas estavam ali dentro e nenhum som vazava? Pensou até que, embora já fossem nove e trinta e cinco, o jogo, por um motivo qualquer, não tivesse começado. Assim, cheia de esperança, entrou. Na quadra só estavam os dois juizes e alguns repórteres e, por um instante, ela acreditou que o jogo estivesse mesmo atrasado.

Olhou então para o enorme placar e teve um choque. O que ela viu era pior do que o mais pessimista dos torcedores do Unidos poderia imaginar: Piratininga 56, Unidos

Aplausos estremeceram a arquibancada. Era o Piratininga voltando para o segundo tempo. Logo em seguida, saudado por algumas palmas e muita vaia, voltou também o Unidos.

Encostada na grade, acompanhada pelo severo olhar de um policial encarregado da segurança, Lucinha chamou Fábio. Ele se aproximou. No rosto, o desânimo e a preocupação tinham quase apagado o brilho dos belos olhos verdes.

- Você está chegando só agora? A Sílvia está ali, ó. Eu toda hora olhava para lá e nada. O que aconteceu?

- Depois eu explico tudo. O importante agora é pensar no jogo. Vai lá e arrasa com eles. Eu te amo e te acho o cara mais incrível e mais legal do mundo.

Beijaram-se longamente, como se só os dois estivessem no ginásio. Algumas pessoas assobiaram. Com o fôlego que sobrou, ela pediu de novo:

- Vai lá e arrasa com eles!

Enquanto Lucinha, ouvindo resmungos e palavrões, abria espaço para chegar ao lugar em que Sílvia estava, a partida havia

recomeçado.

- Puxa, não foi fácil guardar o seu banco - queixou-se Sílvia. - Uns vinte caras tentaram sentar aqui. Tudo bem?

- Acho que sim. Depois a gente fala sobre isso. Como é que o Unidos deixou esse timeco ficar tantos pontos na frente?

- Todos estão jogando mal. O Luís Eduardo está péssimo e o Fábio parece que foi apresentado à bola hoje... De vez em quando ele apalpa o joelho e faz uma careta.

- Ah, meu Deus, só falta esse joelho pifar agora. Não pode, não pode. Ajude o Fábio, meu Deus.

Mal ela disse isso, Luís Eduardo deu um passe longo para Fábio que, livre, enterrou a bola na cesta. A torcida do Unidos, que estava calada, incendiou-se com esse lance e começou a agitar de novo as bandeiras alvirrubras. O Piratininga foi para o ataque, mas Fábio recuperou a bola e a lançou rapidamente para Luís Eduardo que, num arremesso perfeito, fez mais dois pontos.

Com a recuperação de Fábio e Luís Eduardo, todo o time do Unidos cresceu. Os jogadores do Piratininga, que tinham entrado no segundo tempo com a certeza da vitória, enervaram-se e, minuto a minuto, sentindo a reação do adversário, começaram a errar até bolas fáceis. Seu técnico, desesperado, pediu um tempo para ver se punha ordem no time. Pimentinha, técnico do Unidos, aproveitou também para dar instruções aos seus jogadores.

Nesse instante, um homem corpulento e dentuço, sentado na primeira fila da arquibancada, levantou-se e, apoiando-se na grade que separava o público da quadra, disse
a Fábio:

- Fábio, se o Unidos ganhar, eu vou encerrar a sua carreira.

Fábio ficou pálido e ameaçou pular a grade. Não foi necessário. Mal o homem tinha acabado de falar, foi agarrado por trás e derrubado por outro. Os dois se engalfinharam e começaram a trocar socos, joelhadas, pontapés. Abriu-se um claro na arquibancada e por alguns momentos, com o jogo parado, todo o público voltou a atenção para lá. Sílvia perguntou
a Lucinha:

- O que aqueles doidos estão aprontando?

- E eu é que sei? Devem ser dois torcedores.

Foi aí que ela, espantada, teve uma certeza: um dos dois malucos que se espancavam com tanta fúria era o tio Homero! Quando descobriu isso, ela abriu caminho com extrema dificuldade e chegou a tempo de ver um soco muito bem dado acertar espetacularmente o queixo do homem corpulento e dentuço. Caído, quase desmaiado, ele ainda ouviu os últimos insultos de tio Homero:

- Seu vagabundo! Bem que o Fábio me perguntou. Para saber tanto da vida dele, seu nojento, só se você fosse parente ou se tivesse ouvido algum parente contar.

Três guardas chegaram quando o nocauteado ameaçava voltar à luta.

- Podem deixar - pediu tio Homero. - Isto é assunto nosso eu quero partir esse desgraçado em mil pedaços. Eu pensava que esse amaldiçoado era meu amigo e ele usou o que ouviu de mim para tentar prejudicar meu sobrinho. Vai firme, Fábio, que eu cuido dele! Nós chegamos a ficar com medo de que ele seqüestrasse a mãe do Fábio.

A polícia tirou do ginásio tio Homero e o homem corpulento e dentuço, que algumas pessoas disseram ser primo de um diretor do Piratininga.

O jogo recomeçou. Faltando dezoito segundos para o final, a desvantagem do Unidos estava reduzida a dois pontos: 84 a 82. Mas o Piratininga tinha dois lances livres a seu favor, que seriam batidos justamente pelo melhor jogador do time. Ele se concentrou, olhou para a cesta, inspirou fundo e, sob o silêncio nervoso de seis mil pessoas, arremessou. A bola rodopiou no aro e saiu, com um ah! de alívio da torcida do Unidos e um oh! de decepção dos torcedores do Piratininga.

Antes do segundo arremesso, o jogador do Piratininga, que estava encharcado de suor, pegou uma toalha no banco de reservas e enxugou as mãos. Concentrou-se outra vez, encarou a cesta, inspirou demoradamente e arremessou. A bola saiu com a direção certa, depois se desviou um pouco, girou de novo no aro, não entrou e foi apanhada no ar por um dos pivôs do Unidos.

Aos gritos de calma!, calma! do técnico Pimentinha, o pivô entregou a bola a Fábio. Este, acossado pelo armador adversário, viu Luís Eduardo se desmarcando e fez o passe. Dois jogadores do Piratininga saltaram à sua frente, obrigando Luís Eduardo a devolver a bola a Fábio. Um murmúrio tenso percorreu toda a torcida do Unidos. Faltavam só três segundos! Fábio ameaçou então arremessar e, quando a marcação correu para cima dele, deu de lado a Luís Eduardo. Faltando um segundo, saiu o arremesso, da linha dos três pontos.

Seguida por doze mil olhos, a bola ganhou altura, acompanhada pelos flashes dos fotógrafos e pelas câmeras de TV. Por um instante pareceu parar no ar, indecisa. Depois, como se tivesse sido soprada pelos torcedores do Unidos, caiu, mansa mas firme, dentro da cesta: 85 a 84.

Abraçados e chorando muito, o dr. Célio, diretor do Departamento de Basquetebol, e Estanislau, diretor do Departamento de Voleibol, provavam que o Unidos não era mais um clube de um esporte só.

19 • Todos para a churrascaria

A festa para os campeões só não se iniciou na quadra porque a torcida do Piratininga, irritadíssima, se pôs a jogar tudo que podia em cima dos jogadores do Unidos. Mas, no vestiário, algumas latinhas de cerveja, surgidas ninguém sabia de onde, começaram a ser abertas e passadas de mão em mão.

- Dr. Célio, como é que o senhor conseguiu fazer entrar esse contrabando aqui? - gritou Luís Eduardo.

- Na maleta do massagista - respondeu o dr. Célio, rindo muito.

- Aí, Barrica. Boa! - festejaram os jogadores. - Pelo menos para isso você serviu, hem?

Barrica, o massagista, um gorducho muito simpático, fez sinal de positivo com o polegar. E, abrindo uma latinha e dando um bom gole, puxou o coro:

- Unidos! Campeão! Unidos! Campeão! Unidos! Campeão! Depois Estanislau propôs outro grito de guerra:

- No vôlei e no basquete, com o Unidos ninguém se mete! As palavras, os coros e os gritos continuaram enquanto os

campeões tomavam banho. O dr. Célio, Barrica e Estanislau foram empurrados também para o chuveiro e, embora fingissem estar zangados, encharcaram-se com prazer.

Alguns respingos sobraram até para os jornalistas que tinham acabado de entrar para fazer entrevistas.

A festa no vestiário durou quinze minutos. Depois, já de banho tomado e vestidos, os jogadores voltaram para a quadra. Os torcedores do Piratininga tinham ido embora.

Os do Unidos aplaudiram freneticamente quando o troféu foi entregue aos campeões pelo presidente da federação.

Na saída, o dr. Célio disse aos jogadores:

- Agora, pessoal, o negócio é encestar um belo churrasco. Todo mundo pró Novilho Dourado!

O convite, recebido com aclamações, valia também para os parentes e as namoradas dos campeões. Assim que viram Luís Eduardo e Fábio saindo, Sílvia e Lucinha tinham pulado no pescoço deles.

- Xi, se os 'caras do Piratininga marcassem em cima como vocês, a gente perdia o jogo - brincou Estanislau. - Vamos com a gente comemorar, meninas. Mas com moderação, hem? O campeonato de vocês ainda não acabou.

Quando todos já estavam prontos para ir à churrascaria, apareceu tio Homero. Lucinha olhou para ele e o achou menos sombrio. Parecia até estar sorrindo. E estava mesmo, pelo menos quando abraçou Fábio e lhe disse:

- Parabéns, Fabinho. Parabéns.

- Valeu, tio. Hoje o senhor foi o máximo. Onde o senhor aprendeu a dar socos daquele jeito?

- Você sabe, sobrinho - respondeu tio Homero, deixando Fábio sem ação por alguns segundos.

-É, eu sei-concordou Fábio, rindo.-Aquele cara mereceu.

- Ele merecia muito mais, aquele cafajeste.

Alguns jogadores reconheceram o homem que tinha nocauteado o primo do diretor do Piratininga e começaram a lhe dar tapinhas nas costas.

- Aí! Gostei! Este aí é seu tio, Fábio? Aí, tiozão. Quando chegaram à churrascaria, a festa esquentou. O dono,

torcedor do Unidos, estava elétrico e fez questão de comemorar com eles. Lucinha contou a Fábio sua viagem a Santos e tudo o que a mãe dele tinha dito.

- Ah, a minha mãe não sabe guardar segredo mesmo.

- Mas ela fez bem. Você é que devia ter me contado. Você não tem confiança em mim?

- Tenho. Juro que tenho. Mas eu não queria que você sofresse.

- Se aquele pedido que você me fez está valendo, acho melhor você não me esconder mais nada. Como é mesmo aquela história? Na alegria e na tristeza. Não é assim?

- É. E vai ser assim. Na alegria e na tristeza. Sempre. Beijaram-se. E só perceberam que o beijo estava longo demais quando ouviram:

- Nossa! Que loucura! Esse beijo vai pró Guinness. É recorde mundial, fácil, fácil.

- Unidos! Campeão! Unidos! Campeão! Unidos! Campeão!

Separaram os lábios. Os dois estavam vermelhos, sem jeito. Quando olharam para o lado, viram que Luís Eduardo e Sílvia também estavam vermelhos e sem jeito. Então os quatro começaram a rir. Fábio perguntou:

- Quem foi que ganhou, pessoal? O casal número um ou o casal número dois?

20 • A guerra das estrelas na TV

25 de maio e dois dias depois, finalmente, São Paulo iria conhecer o campeão de voleibol feminino da temporada. Confirmando as previsões, Unidos e Quente-e-Bom haviam chegado às finais. Tão forte era a rivalidade entre os dois clubes e tão grande o interesse do público que, para garantir a segurança e evitar tumultos, a diretoria do Unidos e a do Quente-e-Bom, abrindo uma trégua na guerra travada durante o campeonato inteiro, resolveram marcar as cinco partidas para uma quadra neutra, a do Ibirapuera.

Nos quatro primeiros jogos, com o Ibirapuera superlotado, as duas equipes tinham provado que os comentaristas estavam certos quando, desde o começo do campeonato, haviam previsto igualdade total. O Quente-e-Bom tinha vencido a primeira e a terceira partidas, perdendo a segunda e a quarta.

Dois dias antes do jogo final, a tensão não se limitava às jogadoras, aos dois técnicos, às diretorias e às torcidas. Até pessoas que jamais haviam se preocupado em acompanhar o voleibol tomavam partido e, escolhendo um ou outro time pela cor da camisa ou pela simpatia despertada por essa ou aquela jogadora, tinham dividido a cidade em duas partes: a dos loucos pelo Unidos e a dos maníacos pelo Quente-e-Bom.

Um famoso apresentador de televisão, João Mascarenhas, aproveitando o clima, anunciou para a antevéspera da grande batalha uma entrevista com quatro das estrelas da partida decisiva: Ana

Lígia e Maria Esmeralda pelo Unidos, Renata Explosão e Zizi Mãos de Ouro pelo Quente-e-Bom.

Meia hora antes de começar o programa, a rua onde funcionava a TV estava completamente tomada por gente de todo tipo: torcedores com bandeiras de seus times, curiosos, jornalistas, pessoas ansiosas por autógrafos. A direção da emissora precisou chamar a polícia para dispersar a multidão que ameaçava invadir o estúdio.

Acompanhada por milhões de telespectadores, a entrevista, apesar da habilidade do apresentador, acabou degenerando em bate-boca e por pouco não terminou em agressão. Os jornais do dia seguinte transcreveram, palavra por palavra, os grandes lances da guerra entre as estrelas.

João Mascarenhas - Caros telespectadores, estamos hoje aqui para um programa realmente especial. Conseguimos reunir em nosso estúdio as principais atrações do grande jogo de depois de amanhã, que está empolgando a cidade: Renata Explosão, Zizi Mãos de Ouro, Ana Lígia e Maria Esmeralda. São quatro jogadoras que, passado o campeonato e a rivalidade atual, certamente estarão defendendo juntas a seleção brasileira e conquistando vitórias para o nosso país. A minha primeira pergunta, aliás, é sobre isso: seleção brasileira. Qual é a expectativa de vocês em relação a isso? Vamos começar pela Maria Esmeralda.

Maria Esmeralda - Bom, desde que eu voltei da Itália para jogar no Unidos, meu pensamento é poder defender o Brasil. Estando aqui, meu desempenho pode ser acompanhado pelo técnico da seleção.

João Mascarenhas - E você, Ana Lígia?

Ana Lígia - Quando interrompi a carreira para cuidar da minha família, uma das coisas que mais senti foi abandonar a seleção. Agora, com o meu retorno ao Unidos e a boa temporada que fiz, espero ter nova chance.

João Mascarenhas - Agora você, Zizi.

Zizi Mãos de Ouro - Eu acho que voleibol é coisa séria. Não dá para ficar brincando com isso. Ou a pessoa joga ou cuida da família. Não dá para ficar pulando de um galho para o outro.

João Mascarenhas (constrangido) - E você, Renata, o que você pensa disso?

Renata Explosão - Eu estou com a Zizi. Se a atleta quer jogar na seleção do Brasil, o que ela vai fazer na Itália? Tem gente folgada, mesmo: fica ciscando pelo mundo e, quando volta, pensa que vai encontrar o lugar à sua disposição...

Maria Esmeralda - Ei, espera aí. Não é assim, não.

Renata Explosão - Espera aí, não. A palavra está comigo. Quando você falou, eu não meti o bico.

João Mascarenhas (rindo sem jeito) - Estou vendo que a rivalidade entre vocês não é só na quadra. Mas vamos passar logo ao jogo de depois de amanhã. O que você me diz dele, Maria Esmeralda?

Maria Esmeralda - Vai ser um jogo difícil e...

Zizi Mãos de Ouro - Difícil para vocês. Para nós vai ser um passeio.

Ana Lígia - Isto agora já é provocação. Eu não vou...

Renata Explosão - É isso aí, Zizi. Vai ser a maior barbada. Nós vamos ganhar com uma mão amarrada nas costas.

Ana Lígia - Posso falar?

Zizi Mãos de Ouro - Pode. A gente deve sempre respeitar as pessoas mais velhas...

Maria Esmeralda - Espera aí. Isto é um desrespeito com uma jogadora que sempre foi um exemplo.

Zizi Mãos de Ouro - Você disse bem. Ela foi. E faz tempo. Hoje ela não é nada. E você nunca foi.

Neste ponto, diante de um apresentador perplexo, as quatro se levantaram, ameaçando partir para a agressão. João Mascarenhas chamou então os comerciais e, três minutos depois, pedindo desculpas aos telespectadores, justificou o vexame das estrelas com uma frase:

- Um campeonato como este acaba com os nervos de todo mundo!

21 • A decisão é hoje

O grande dia chegou. O jogo estava marcado para as oito da noite, mas às seis não havia lugar para mais ninguém no Ibirapuera. Embora a televisão fosse transmitir a partida, quando faltavam dez minutos para o início, umas mil pessoas tentaram forçar um dos portões. Só com muito esforço a polícia conseguiu dominar a situação.

Dentro do ginásio, o barulho era enlouquecedor. De um lado, todos vestidos de azul e branco, os torcedores do Quente-e-Bom não paravam de gritar:

- Quente-e-Bom, Quente-e-Bom! Nosso time é forte! É tricampeão!

Do outro lado, de vermelho e branco, os torcedores do Unidos contra-atacavam com um slogan que aproveitava um grito de ordem usado nas greves:

- O nosso Unidos jamais será vencido!

Os dois times faziam o aquecimento na quadra, enquanto as câmeras de TV mostravam o impressionante contraste: um dos lados da arquibancada parecia invadido pelo mar; o outro parecia devastado por um incêndio.

Quando, finalmente, o juiz levantou o braço e autorizou o primeiro saque da partida, a tensão atingiu o ponto máximo. Meses de treinos, de sacrifícios, de esperanças, de dúvidas, de contusões amaldiçoadas e de recuperações penosas estavam em jogo.

Sentadas no

banco de reservas, Sílvia e Lucinha estavam tranqüilas. Não tinham entrado em nenhuma das quatro partidas anteriores e sentiam-se como se fossem torcedoras privilegiadas.

A responsabilidade toda estava com as companheiras. De vez em quando as duas olhavam para o lugar, bem perto da quadra, onde estavam Luís Eduardo e Fábio.

No primeiro set, o Unidos começou arrasador. A recepção, perfeita, punha a bola nas mãos de Ana Lígia, que dava um show: armava jogadas de ponta e de meio, enganava o bloqueio com toques sutis e, quando notava a defesa adversária desarrumada, fingia que ia levantar para uma atacante mas largava ela mesma a bola, traiçoeiramente, para a quadra inimiga. Numa dessas jogadas, Zizi Mãos de Ouro e Renata Explosão, tentando salvar o ponto, bateram cabeça contra cabeça. A torcida do Unidos delirou.

Com 12 a 7 para o Unidos, o técnico do Quente-e-Bom exigiu que suas jogadoras forçassem mais o saque. A tática deu resultado. Com a recepção quebrada, Ana Lígia passou a ter dificuldades no levantamento e as bolas já não chegavam boas para Maria Esmeralda e para as outras atacantes.

A reação do Quente-e-Bom levou a partida a um empate nos

13 pontos e, quando os torcedores do Unidos já receavam perder o set, Dedê pediu tempo para passar instruções a Ana Lígia.

- Ana, o negócio agora é não enfeitar. Como a recepção não está boa, o jeito é pôr a bola alta na ponta, para a Maria Esmeralda descer o braço. As jogadas de meio estão muito marcadas.

Depois de novo empate em 14 pontos, o Quente-e-Bom começou a vacilar de novo e, com uma pancada de Maria Esmeralda na paralela, o Unidos fechou o set: 16 a 14.

No segundo set, o Quente-e-Bom voltou com raiva. Os saques forçados, que quase tinham feito o time evitar a derrota no primeiro set, levaram rapidamente o placar

a 8 a 2. A torcida do Quente e-Bom, empolgada, recuperou o ânimo:

- É barbada, é barbada! O Unidos não é de nada!

O Unidos acertou o bloqueio e durante alguns minutos houve equilíbrio. Mas no fim prevaleceu o Quente-e-Bom. Zizi Mãos de Ouro e Renata Explosão começavam a arrasar. Depois do último ponto do set, que terminou com 15 a 8 para o Quente-e-Bom, Renata e Zizi encararam as adversárias com desdém.

Ana Lígia e Maria Esmeralda foram os grandes nomes do terceiro set. Encantado com a perfeição das jogadas das duas, o comentarista da TV não deixou por menos:

- Nunca, em vinte anos de crônica esportiva, vi uma dupla tão entrosada e tão espetacular!

O Quente-e-Bom, descontrolado, entregou o set sem resistência. Pela primeira vez no jogo, a expressão de Zizi Mãos de Ouro e de Renata Explosão era de derrota. A rapidez com que o Unidos fechou o set em 15 a 3 foi impressionante: 13 minutos.

No meio do quarto set, a torcida alvirrubra já comemorava o título. Ana Lígia e Maria Esmeralda continuavam perfeitas, Zizi Mãos de Ouro e Renata Explosão estavam cada vez mais desnorteadas. O placar marcava 9 a 5 para o Unidos quando aconteceu o lance que começaria a mudar a partida. Ana Lígia levantou outra bola açucarada para Maria Esmeralda, que subiu muito, bateu com força e fez o décimo ponto. No meio da comemoração, poucas pessoas no ginásio notaram a careta de dor de Maria Esmeralda.

Ela fez um sinal a Dedê: não dava para continuar. Tinha deslocado o ombro. Os torcedores do Unidos sentiram um calafrio na espinha. Sem Maria Esmeralda, a vitória certa podia, de repente, se transformar em derrota. Arrepiada também ficou Lucinha quando Dedê a mandou entrar na quadra. Ela não esperava aquilo. Imaginou que ele fosse colocar Adriana, que tinha vinte e cinco anos e havia jogado até na seleção brasileira. Mas, talvez porque Adriana não fosse tão alta quanto ela, Dedê tinha resolvido apostar em Lucinha.

- Vá lá, garota, e jogue tranqüila, como se você estivesse em Laranjeira.

Para incentivá-la, a torcida começou a gritar:

- Lucinha! Lucinha! Lucinha!

Só aí ela pareceu entender que estava mesmo dentro da quadra, numa decisão de campeonato, com a camisa do time do seu coração.

Insegura no início, Lucinha logo começou a jogar o que sabia. Bem servida por Ana Lígia, conseguiu furar duas vezes o bloqueio e fez o placar subir para 12 a 5. Faltavam só três pontos para o título.

Então a torcida do Unidos, espantada, assistiu a outro lance que alteraria radicalmente a partida. A recepção do Unidos aparou com dificuldade um saque e Ana Lígia, deslocando-se rapidamente para tentar o levantamento, escorregou e estatelou-se ao fundo da quadra. O grito que deu e as lágrimas que instantaneamente lhe brilharam nos olhos fizeram a torcida do Unidos compreender que se encontrava diante de outra desgraça. Com torção de tornozelo, a principal jogadora do time estava fora do jogo.

Dedê pôs as mãos na cabeça:

- É muita falta de sorte. Isso só acontece com a gente. Primeiro a Maria Esmeralda, agora a Ana Lígia! É demais!

Depois, procurando aparentar domínio da situação, chamou Sílvia e lhe disse mais ou menos o que tinha dito a Lucinha:

- Vá lá, menina. Vá lá e jogue o que você sabe. Sem inventar, hem? Feijão-com-arroz.

Apesar do esforço de Sílvia, o rendimento do Unidos caiu. A perda das duas jogadoras mais importantes do time abalou as outras, que começaram a errar em tudo: no saque, na recepção, no ataque, na defesa, no bloqueio.

Quando o Quente-e-Bom venceu o set por 16 a 14, o sorriso de escárnio voltou ao rosto de Zizi Mãos de Ouro e de Renata Explosão. Com aquelas duas novatas, o Unidos ia ser massacrado.

O último set começou com a torcida do Quente-e-Bom cantando vitória e a torcida do Unidos calada. A vantagem que o Quente-e-Bom logo abriu indicava que naquela noite seria do time branco e azul.

- Quente-e-Bom, Quente-e-Bom! Nosso time é forte! É tricampeão! - comemorava a torcida.

Com 8 a 4, os times trocaram de quadra, como acontece sempre que o primeiro time chega a 8 no tie-break, e Dedê, sentindo que o problema das suas jogadoras era mais psicológico do que técnico, berrou:

- Vamos dar tudo agora! Vamos ganhar este jogo na raça! Pela Ana Lúcia e pela Maria Esmeralda Agora é vencer ou vencer!

O juiz chamou sua atenção e ameaçou dar-lhe cartão amarelo. As garotas do Unidos olharam para o banco, onde Ana Lúcia e Maria Esmeralda, apesar da dor, continuavam torcendo, e encheram-se de coragem.

Sílvia, já desinibida, levantava cada vez melhor. E Lucinha estava atacando como nunca, vazado bloqueios duplos e até triplos.

O comentarista da TV parecia não acreditar no que via.

- É impressionante! Sem Lúcia e sem Maria Esmeralda, quando todos esperavam uma vitória fácil do Quente-e-Bom, essas duas garotas começam a jogar como se estivessem possuídas pelo demônio! Guardem esses nomes: Sílvia e Lucinha. Acho que o vôlei brasileiro descobriu duas novas estrelas.

Com o placar em 13 a 13, Lucinha foi Para o saque. Dedê fez-lhe um sinal, pedindo que ela batesse forte. Era hora de arriscar. Ela pegou a bola, jogou-a para o alto,

saltou e procurou pôr no braço toda a força que tinha. Vendo a direção da bola, achou que tinha exagerado e que ela iria para fora- Só quando ouviu a explosão no lado da torcida do Unidos ela acreditou que o saque viagem ao fundo do mar havia entrado e agora faltava só um ponto para a vitória.

Pegou de novo a bola, concentrou-se e, com a consciência de que aquele era o momento mais importante da sua vida, repetiu os movimentos do saque anterior. A bola passou quase raspando a rede e foi outra vez para o fundo da quadra. Houve uma hesitação entre duas jogadoras do Quente-e-Bom, mas quando o ponto parecia inevitável uma delas se atirou para o chão e jogou a bola de qualquer jeito para o alto. Zizi Mãos de Ouro foi buscá-la e num levantamento perfeito, de costas, jogou para Renata Explosão.

O surpreendente lance pegou o bloqueio do Unidos desatento. A pancada de Renata parecia indefensável, mas um braço apareceu milagrosamente no caminho da bola e esta subiu muito, quase batendo no teto do ginásio. Quando ela desceu, bem em cima da posição em que Sílvia estava, os torcedores do Unidos prenderam a respiração. O que aquela menina ia fazer? A bola estava tão perto do meio da quadra que era quase impossível tocá-la sem roçar a mão na rede.

Como se fosse uma veterana, Sílvia bateu com as duas mãos fechadas na bola, dando uma manchete, e o público, espantado com a jogada de grande categoria, admirou-se ainda mais quando Lucinha, recebendo o passe, cortou com toda a força: 15 a 13, Unidos campeão.

Cercada pelos torcedores e pelos jornalistas, Lucinha foi abraçada, entrevistada, cumprimentada, empurrada. Numa sucessão fulminante de imagens, viu Fábio chegando, viu Fábio armando o beijo, viu a câmera de TV registrando a cena, viu Dedê sorrindo e fazendo sinal de positivo para ela e viu, sem acreditar em tanta felicidade, um grupo de três pessoas se aproximando: seu pai, sua mãe e seu José Florêncio.

- Filha, nós resolvemos fazer uma surpresa para você - disse a mãe, ofegante. - Eu tive a intuição de que você ia jogar e ser campeã. Nós viemos no carro do seu José Florêncio.

- Parabéns, filha - murmurou o pai. - Estou muito orgulhoso de você.

- Aí, menina - aplaudiu José Florêncio. - Eu disse que você seria grande.

Antes de desmaiar, ela ainda ouviu alguém lhe desejar boa sorte também na decisão do campeonato juvenil.

fim